REVISTA DA SEMANA

28 de Fevereiro de 195[illegible] — [illegible] em todo o Brasil

CARNAVAL CARIOCA

•

EUROPA CASTIGADA



Beleza

impregnada de "it" — a palavra incluída no vocabulário universal para expressar o encanto, a misteriosa sedução que algumas mulheres possuem.

It — êsse não-sei-quê maravilhoso e fascinante, segrêdo do sucesso feminino, entre nós se celebrizou através do LEITE DE ROSAS, o preparado que servindo à mulher em todos os seus cuidados de beleza, proporciona-lhe ainda aquêle misto indefinível de graça e sedução.

LEITE DE ROSAS







Cesar Romero é um dos amigos íntimos de Carmen Miranda, tendo aparecido em diversos filmes com ela. Três vêzes visitou o Brasil e gosta do samba.

HOLLYWOOD NO SAMBA

Fotos de ALBERTO FERREIRA



Arleen Wheelen, uma estrêla nova da constelação de Hollywood vem subindo na cotação.

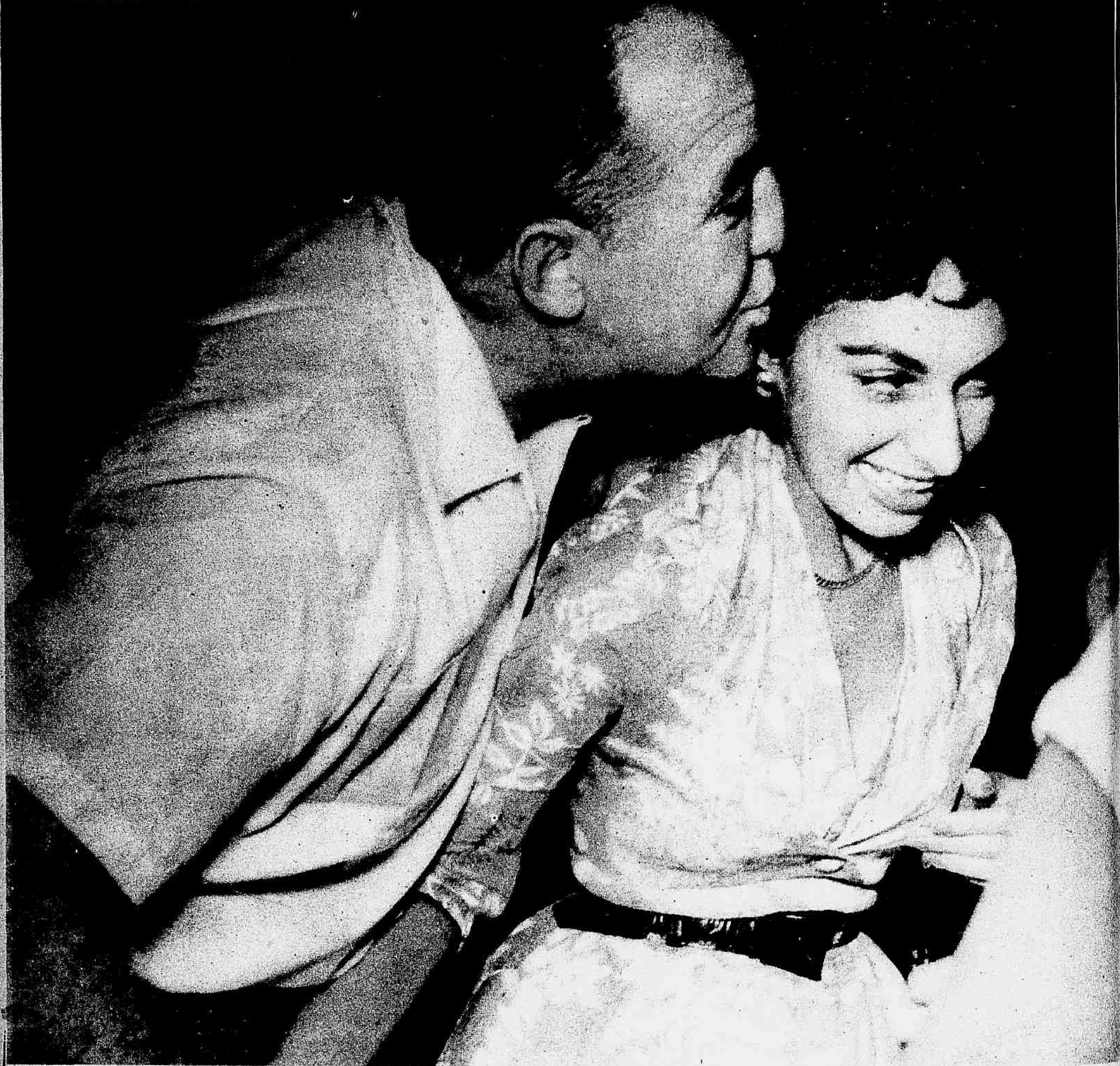
AS estatísticas revelaram que o carnaval de 53 foi mais de êxodo do que de turismo. Saíram do Rio de Janeiro, fugindo do bulício carnavalesco cêrca de cem mil pessoas, isto é, a população de mais de uma de nossas grandes capitais. E o número de turistas foi muito pequeno inclusive gente do interior de São Paulo que costuma passar essa semana à beira-mar. As causas foram várias, entre elas o excessivo calor que precedeu a semana do carnaval e a falta d'água que ameaçou a cidade de ficar sem energia elétrica. Outro fator importante para êsse estado de coisas foi a propaganda

(Cont. na pág. 42)



Mary Windsor, linda e louríssima, cochicha ao ouvido do governador do Estado do Rio.

HOLLYWOOD NO SAMBA



Hollywood tem a mania do beijo. E por isso, à fôrça do hábito Broderick Crawford, que fêz "A Grande Ilusão", não se detém no Hotel Quitandinha.



Ei-lo novamente! Agora mais tranqüilo, dançando em companhia de Arleen Wheelen, a pequenina.



Porque a fera andou sôlta, no carnaval, perseguindo êsse brôto. Não deu uma folga. Puxa!...



Esta cena de cigarro e fósforo, bem que lembra a velha e tradicional lenda da bela e da fera



O astro latino-americano levanta os braços como bom folião e, segundo tudo indica, parece que canta: "Êste ano vou sair de touca...." E se esbalda....



Cesar Romero, com seu "whisky" bem geladinho, conta como se faz uma fita em Hollywood.



De repente dá uma umbigada (quem teria ensinado?...) e alguém parece que encostou..



Sôbre o bôlso do enorme "slack" estão as suas iniciais. Grisalho e bem penteado, êle fuma.

CARNAVAL NO FLAMENGO



FLAMENGO não é só futebol, não. Também tem muita animação para a folia de Momo, Primeiro e Único. Semanas antes do tríduo já havia gente fazendo miséria nos salões do Flamengo. As músicas em voga aumentaram o seu prestígio nessas festas pré-carnavalescas que o rubro-negro ofereceu à juventude. Ambiente esportivo, sem ligar a mínima para o calor, a mocidade foi pulando, batucando, sambando para não desprestigiar a raça. Pouca fantasia ainda. Mas muita animação. Apesar do carnaval carioca estar em declínio, em que pese muitos afirmarem o contrário, o Flamengo tem seu público certo, na hora de disputar o campeonato no Maracanã e também tem seus salões regorgitando de gente quando chega o Carnaval.







Botando uma camisa listrada e saindo por aí, êstes foliões se dispuseram a fazer carnaval. No Baile do Popeye, as orquestras e os foliões não deram folga

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 9 ★ 28-2-53

SUMÁRIO:

Hollywood no samba 3/ 5
Carnaval no Flamengo 16
A Penitenciária fêz um escritor 17
Europa castigada 23/25
A reinação da Rainha Momo 32/33
Emilinha, Rainha do Rádio 47/49
E' do céu, a Rainha das atrizes ... 50/51
Coroada a Rainha do Carnaval ... 52/53
«Je Maintiendrai» 7
Papéis trocados (conto) 11
A Bem-Amada (romance) 12/18
O grande Fantomas (conto) 14
Semana Literária 15
E assim nasceu a cidade maravilhosa 26

★

A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana 9
Lido... Visto... Ouvido... .... 18/19
A Revista há 50 anos 21
Conta-me teus sonhos 22
Passatempo 34
Arabelle 35
Último flash 54

★

À luz da psicanálise 34
A saúde do bebê 42
Novos Modelos 43/46

★

CAPA

Constance Smith (Foto R.K.O.)

EXPEDIENTE

Diretor: GRATULIANO BRITO — Assistente: RENATO DE ALENCAR — Reportagens: NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES — Paginação: VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

★

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e de Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

★

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte; Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York, N. Y. Na África Oriental portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 52 páginas.

★

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550.

★

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50.

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na capital a cargo da Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.



"Je Maintiendrai"

É o melhor título que encontramos para esta nota que se inspira no martírio da grande nação holandesa — essa divisa que está no seu escudo coberto de glórias, entre os leões coroados que sustentam o seu brazão d'armas: **JE MAINTIENDRAI.**

A expressão profética tem sido o resumo da história dos destinos da Holanda, através do tempo e das vicissitudes: **Je Maintiendrai.** Ainda agora, quando o mar procura se desforrar daqueles que lhe conquistaram êsse grande trato de terra, pelo seu gênio empreendedor, arrebatando às ondas, como pérola rara, um dos países mais belos do mundo, ainda agora, mal passada a catástrofe, é o que vemos: a Holanda prepara a sua recuperação e, enquanto sepulta os seus mortos, se refaz dêsse extenso cataclisma; retira a população das zonas expostas, nas ilhas da Frisia, não se abate, nem se entrega, pela perda de suas culturas, pelo arrasamento de seus campos e de suas indústrias do Mar do Norte: ergue-se altaneira, coberta de luto, mas sempre brava e como que repetindo o lema de seu destino: **Je Maintiendrai.**

● De fato, no noticiário que acabamos de ler, entre pormenores da catástrofe que flagela o país das tulipas, evocado comumente nas suas imagens tranqüilas de aquarela, entre campos floridos, doces canais, sob as asas leves de seus moinhos, lemos também o que se vem fazendo de heróico, de corajoso, em tôda a Neerlândia, terra de beleza e de alegria sôbre a qual hoje flutuam os crepes que envolvem sua bandeira gloriosa, a mesma que empunharam os seus Gueux, aquêles que fizeram a Holanda, há quatro séculos, a mesma que brandiram os seus príncipes ilustres, os Orange e os Nassau, levando-a através dos mares, para plantar em terras distantes a cultura dos bátavos e frisões. São essas notícias que lemos por entre lágrimas que nos repetem com a fé antiga, o lema do brazão da Holanda: **Je Maintiendrai,** desafio da grande nação aos fados adversos, às fôrças inimigas, contra as quais ela nasceu e se tornou grande, no espaço e no tempo.

● O Brasil tem extremos de carinho pela Holanda que deu à nossa pátria a jóia que era, já nos tempos da colonização, a Cidade Maurícia, gema preciosa engastada em nossa terra pelo seu nobre filho, o Príncipe de Nassau, figura extraordinária de guerreiro e de estadista, cuja herança é um título de glória no solo brasileiro, a cujo calor se fundiu, no Norte, uma das mais ricas unidades da Federação. Com a recordação de Nassau, temos dos holandeses a memória de um dos períodos mais tormentosos de nossa História — as Invasões. Desde quando, nos cursos primários, estudamos os fastos dessas incursões em nossas costas, aprendemos o heroísmo, o denôdo, a combatividade dêsses mareantes, dêsses **Gueux** do mar que guerreavam nos oceanos e nos continentes a dominação ibérica. Devemos aos holandeses que combateram em nossas terras essas lições de bravura, o desbravamento de nossa orla oceânica, a formação de uma mentalidade nacional que se exponencia com Vidal de Negreiros, Camarão e Henrique Dias.

● A Holanda está sempre presente em nosso afeto. As guerras de outrora, entre o Brasil que nascia e a velha pátria colonizadora, são evocadas hoje como momentos de epopéia que fazem honra a vencedores e vencidos. A sorte das armas se decidiu nos alcantis de Pôrto Calvo. Foi um instante da História. Hoje, duas grandes pátrias, cujos destinos tantas vêzes se encontraram em campos adversos, se unem pelos mesmos ideais eternos, na fraternidade universal. E olhamos para a Holanda como uma das mais ilustres nações do mundo, um dos povos amigos do Brasil, cujo martírio sofremos como se nosso próprio, tão íntimos na dor nos sentimos com a terra bátava, cujo esplendor tanto fulgurou sob o sol brasileiro, nas couraças de seus guerreiros e nas telas de Franz Post.

E' por isso e porque bem conhecemos da bravura e do gênio da Holanda que, neste momento, repetimos com seus heróicos filhos o lema de seu brazão: **Je Maintiendrai.**

EDMUNDO LYS



A SEMANA EM REVISTA



ADALY MORTTY, delegado da Costa do Ouro ao Seminário Latino-Americano de Bem-Estar Rural, recentemente realizado na Universidade do Km 47. Êsse encontro de representantes de muitas nações foi promovido pela ONU sob os auspícios do nosso Govêrno. Mortty é homem culto, lê constantemente Shakespeare, já tendo interpretado Macbeth em sua terra. Entre os românticos prefere Shelley, e dos «poetas menores», os modernos, destaca Walter de la Mare. Achou muita analogia entre a natureza de sua pátria e a do Brasil, para onde vieram muitos escravos da Costa do Ouro. Muito lucrara com a troca de experiências do Seminário e é grato aos cirurgiões brasileiros que o operaram de um ataque de apendicite.

RICARDO RIVERA SCHREIBER, Ministro das Relações Exteriores do Peru, acaba de visitar-nos, retribuindo a visita que, faz pouco tempo, fêz o Ministro João Neves da Fontoura àquele país. O sr. Schreiber veio por via aérea, acompanhado de sua exma. espôsa, do Ministro Edwin Letts, diretor do Departamento de Atos Internacionais, e do secretário Guillermo Geberding. No dia seguinte à sua chegada, 12 de fevereiro, S. Excia. concedeu à imprensa carioca uma entrevista, na ABI, quando teve oportunidade de expor o programa de govêrno de seu país perante o mundo e, especialmente, perante as Américas. As palavras do Ministro do Peru foram muito apreciadas, pela sinceridade e motivos cordiais de que se revestiram.



A CATÁSTROFE que desabou sôbre vários países da Europa na área do Mar do Norte, castigou severamente a Holanda, destruindo povoações, inundando os campos, destruindo diques, desabrigando milhares de famílias. A repercussão no Brasil foi muito sensível, não sòmente pelos laços de grande amizade que ligam os dois países, como pelo fato de o fenômeno ter assumido caráter de verdadeira calamidade. Para reunir recursos em favor das vítimas das inundações que assolaram aquela nação, foram organizados bandos precatórios constituídos por senhoritas de nossa sociedade, em dias da semana passada, tôdas vestidas à holandesa, dando uma nota original às ruas da cidade. O povo as acolheu com simpatia.

TÊRÇA-FEIRA, dez de fevereiro, na reta da semana do Carnaval de 1953, deu-se êste fato deplorável: o leilão dos bens da quase centenária sociedade carnavalesca do Rio, os famosos «Fenianos», campeões do Carnaval do ano passado. O triste episódio foi o têrmo de uma ação executiva movida contra o Clube dos «Gatos», por um seu associado, para receber dívidas. O caso emocionou de tal maneira o espírito de alguns amigos do Clube, que o leiloeiro Afonso Nunes, tudo fêz para evitar a penhora, propondo-se a lançar entre o povo carioca uma coleta a fim de reunir fundos para liquidação da cobrança, sem resultado por motivos de rotina da diretoria. Mas os «Fenianos» têm fôlego de sete gatos...

A PERSONAGEM da SEMANA



ÊSTE Rei enxundioso revive ao modo carioca o velho Baco da Mitologia. Chega todos os anos, preside os bailes, dá um **show** opulento com seu tamanho, vestes e coroa. Vai de baile em baile para saber como vão as coisas. Sorri daqui para ali e dali para aqui, durante o reinado em que se pula e dança desbragadamente. Êle preside, simbòlicamente, a farra. Sim simbòlicamente porque se fôsse pular para dar o exemplo, depois de dois carnavais estaria mais magro que o magro do cinema. Êste ano, Momo, Primeiro e Único quase não pôde sair à rua. A chuva foi sua grande inimiga. Mas mesmo assim não entregou os pontos. Na vida privada, chama-se Nelson Nobre e é irmão de Sarah Nobre, nome conhecido e aplaudido pelos cariocas que sempre gostaram de bom teatro.

Entra agora o Rei Momo, Primeiro e Único (não convém quebrar a etiqueta cortando-lhe o título) para a nossa galeria de Personagens que na semana se destacaram por algum mérito. Ora, a semana que passou, de quem poderia ser senão dêste cidadão carioquíssimo?

Façamos, portanto, a inclusão do personagem com tributo ao título que o homem da rua escolheu para a presidência de suas farras públicas.





Junto ao bar uma jovem fantasiada de Gato, toma um refrêsco e descansa...



Além do Amigo da Onça, apareceu a Onça em pessoa. E sambou a valer.

BAILE DA ESPORA

Na Sociedade Hípica Brasileira realizou-se um dos bailes mais elegantes do carnaval de 53. A sociedade reuniu suas famílias para poder prestar as homenagens à maior festa carioca nos salões da Hípica e as fantasias primaram pelo bom-gôsto. Enquanto o carnaval de rua cai de ano para ano e as festas nos salões, com exceções raríssimas, vão-se tornando impróprias para o divertimento sadio das famílias, o Baile da Espora faz honrosa exceção. Parabéns, pois, à Sociedade Hípica Brasileira pela magnífica tradição que vem mantendo dêsse baile que por certo sempre encontrará o apoio dos chefes de família que sem perder o bom-humor podem levar suas famílias para o Carnaval, que se vem tornando cada vez mais imoral.

A pirataria exercida por esta pirata foi pular e requebrar pelo salão até cansar o chão.



Esta francesa perdeu o par e subiu numa mesa para ver se o redescobria no salão.



Quem sabe se não seria êste, que fugiu com a pirata de perna de pau e ôlho de vidro!



PAPÉIS TROCADOS

Conto de WALDEMAR I. FERNANDES

MARCOLINO saiu de sua casa, e com passo lento de resignado, caminhou pela estrada coberta de cerração. Levava a cesta de comida para mais um dia de trabalho como cortador de cana no grande engenho onde era empregado.

Chegando na encruzilhada da venda, encostou-se à bomba de gasolina, a fim de esperar o caminhão, que sempre passava já apinhado de gente para o corte, que naquele inverno de safra açucareira prometia ser grande.

Era um dia como os outros. Oito horas de trabalho, ajudando a ceifar o oceano verde que se perdia no horizonte. Acordara cedo, tomara o café aguado, beijara as crianças e ali estava esperando a condução.

Carroças de verduras seguiam para o Mercado, guiadas por gordas matronas, caminhões passavam rápidos, levantando nuvens de poeira que se confundiam com a espêssa neblina.

Passou um automóvel prêto da Polícia, e a leitura insignificante da palavra, escrita no veículo, fêz o pensamento calmo de Marcolino se encher de sombras de apreensão. A palavra «polícia» era como um espectro ameaçador que constantemente o fazia lembrar aquêle vergonhoso episódio de seu passado. Marcolino, o pacato colono, não tinha consciência tranqüila.

Com a evocação súbita e inesperada, o remorso e o temor que sempre quisera esquecer, apoderou-se de seu espírito, transformando a manhã monótona em algo diferente. E recordou-se outra vez.

Fazia dois anos. Viera do Norte com uma leva de flagelados, conhecera a miséria, a fome, a sêde e a incerteza de dias melhores. Vira a mãe morrer na estrada, o pai meio cego ficar num superlotado hospital, sem notícias para sempre. Chegara com a mulher e três filhos até àquele lugar, e ali se radicara.

Mas o primeiro ano passara mal. A mulher ficara grande tempo com pneumonia e o minguado salário mal chegava para remédios.

Farto de tanta privação, triste e acabrunhado, ia tôdas as noites até à venda da estrada, e se embriagava para poder esquecer.

Numa noite, voltando para casa, alcoolizado, viu na estrada um automóvel parado. Um moço bem vestido, de lanterna na mão, examinava o motor. Parou de súbito com ousada idéia na mente. Resolveu assaltá-lo. Nunca fizera aquilo, mas a miséria o obrigava.

Tirou a lapiana do cinto, e chegando ao jovem encostou-a em seu ventre:

— Seu dinheiro, moço.

O rapaz, pálido e tremendo entregou-lhe a carteira, enquanto uma pintadíssima loura que estava no carro dava gritinhos nervosos.

De posse da carteira, Marcolino saiu correndo. Chegou ofegante em casa e, sob a luz do lampião, contou o dinheiro. Que beleza! Oitocentos cruzeiros!

Aquela noite uma pontinha de remorso começou a picar-lhe a consciência. Mas pouco se importou, confiado de que não roubara de gente pobre, e sim de um casalzinho farrista, dêsses que andam à noite, de auto pela estrada, aos idílios exagerados.

(Cont. na pág. 42)

Ilustração de SEME MATAR



A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY

(Cont. do número anterior)

— E' muito linda esta menina.

A senhora concordou e disse mais alguma coisa.

A seguir, continuei:

— Tem os olhos tão doces e tão formosos como os de sua mãe.

— Crê que seus olhos são bonitos? — Perguntou-me aquela senhora, como se não houvesse ouvido bem as minhas últimas palavras.

— Sim, para pintá-los. — Exclamei fitando a mamãe.

Depois entramos em intimidades. Informou-me que seu marido havia embarcado em um iate, e eu lhe disse que era singular que não a houvesse levado para tomar ares. Pouco a pouco me revelou que era uma jovem espôsa abandonada. Posteriormente a encontrei na rua sem a filha. Disse-me que ia ao pôrto em busca de seu espôso, mas que ignorava o caminho. Ofereci-me para guiá-la e assim o fiz. Não entrarei em pormenores. Mas, depois, a vi por diversas vêzes e desde logo descobri que naquela mulher se escodia a Amada, de cujo paradeiro havia eu estado longo tempo sem notícias. Mas eu não conseguia compreender o motivo por que havia escolhido para atormentar-me aquela inacessível forma de matrona, quando tantas outras mulheres estavam ao meu alcance. O episódio terminou mui inocentemente ao mudar-se ela da povoação com sua filha e o marido. Pareceu que havia tomado tudo como um galanteio, e, contudo, para mim foi tudo, menos um passatempo! Para que relatar o resto do conto fantástico? Depois disto tudo a Bem-Amada me surgiu com maior ou menor freqüência, e me seria impossível dar-lhe pormenores de suas várias encarnações. Mas reapareceu nove vêzes no transcurso dos dois ou três anos seguintes. Quatro vêzes se disfarçou em moreninhas, duas em garôta de cabelos alourados e três outras vêzes em criaturas nem louras, nem morenas. Às vêzes era uma jovem alta e formosa; mas, por outras vêzes aparecia na pele de esbelta e delgada garôta de não muito alta estatura. Fui-me acostumando com estas entradas e saídas, resignando-me passivamente às mesmas, e falando-lhes, abraçando-as, correspondendo-me com elas ao mesmo tempo em que padecia em cada um dos seus disfarces. Assim seguiram as coisas até um mês atrás. Quedei-me, pela vez primeira, na incerteza. Havia ou não encarnado na pessoa de Avicia Caro, uma jovem a quem eu conhecia desde a infância? Em resumo, julguei que, por fim, não se havia apresentado no corpo de Avicia Caro, porque eu ainda sentia muito respeito por ela.

Pierston narrou, depois, em poucas palavras tôda a história de sua reavivada amizade com Avicia, o ponto a que haviam chegado em seus compromissos por parte dêle, o episódio e conseqüência do encontro com a outra mulher, a senhorita Marcia Beucomb, a que, sem dúvida, encarnava por fim a sua Bem-Amada. Manifestou sua espontânea decisão de casar-se sem mais demora, consultando em seguida, a Somers, se em tais circunstâncias deveria casar-se com ela, ou com outra qualquer.

— Naturalmente que não, opinou Somers. Mas se quer mesmo casar-se, deveria fazê-lo com a jovem Avicia. Mas, francamente, nem mesmo com ela. Você é como os demais homens; ou mesmo pior. Na essência todos os homens são volúveis como você, embora sem tão grande e vigorosa faculdade de percepção.

— Acho que volúvel não é a palavra apropriada. A volubilidade significa enfastiar-se de uma coisa enquanto permanece a mesma. Mas eu tenho guardado fidelidade a essa ilusória criatura, a quem, pelo menos até agora, não fui capaz de manter firmemente. E lhe direi que a mudança de uma a outra criatura, não tem sido um prazer para mim, e muito menos um prazer lascivo, um jôgo de volubilidades nutrido por mim mesmo. Ver que uma criatura, que até então fôra perfeita, divina, perde a seus olhos a divindade que a havia animado, tornando-se vulgar, trocando a chama por cinza, de radiante vitalidade em cadáver, não é agradável para homem algum, e a meus olhos tem sido sempre um atormentador espetáculo. Cada lúgubre personagem sem alma permanece depois como ninho de alguma ave formosa, que seus moradores desejariam vazio, abandonando-o para que a neve o enchesse. Eu tenho sido um desditoso ao mirar um rosto onde costumava ver a Bem-Amada, e já não mais poder vê-la mais ali.

— Você não deve casar-se, voltou a dizer Somers.

— Talvez não! Mas me aterra a idéia de prever como vai ficar a pobre Márcia, quando eu já me comprometi... Tenho eu razão ao dizer que sou um maldito em tais assuntos?

Depois de ligeira pausa, prosseguiu:

— Afortunadamente, ninguém, senão eu tem sofrido até hoje as conseqüências dessa inquietação. Sabendo o que me esperava, raras vêzes me aventurei em relações íntimas com uma mulher, temendo expulsar prematuramente a adorada entidade encarnada nela, a qual, não obstante, se ia embora depois de algum tempo, da mesma maneira.

Não tardou muito Pierston em sua exposição sentimental, despedindo-se do amigo. Pouco lhe valia um conselho em tais circunstâncias. Pressuroso voltou a encontrar-se com a senhorita Beucomb.

Estava ela com diferente aspecto. A ansiedade a havia deprimido visivelmente um pouco, e não era tão altaneiro o rito que, de quando em quando, apresentavam seus lábios.

— Como você demorou! — Disse ela com mostras de impaciência.

— Não tem importância, minha querida. Já está tudo assentado. Poderemos casar-nos dentro de alguns dias.

— Já não é mais amanhã?

— Amanhã não é possível. Não temos bastante tempo de residência aqui.

— Mas... Como é que sabem disso no Cartório?

— E' que não me lembrei que a declaração de residência, real ou suposta, era requisito indispensável, e, desgraçadamente declarei que acabávamos de chegar!

— Oh! Mas que insensatez! O caso já não tem mais remédio. Entretanto, querido, creio que se eu me houvesse encarregado disso, teria feito muito melhor.

Capítulo VIII

Durante alguns dias mais permaneceram no hotel observados pelas camareiras e vendo-se importunados com muita freqüência, pelos empregados. Ao saírem a passeio por ruas distantes, temerosos de que os reconhecessem, Márcia se conservava silenciosa, com indícios de melancolia em seu rosto arrogante.

— Está muda! — Exclamou, pilheriando, Jocelyn numa dessas ocasiões.

— Não fiquei muito satisfeita com os resultados de suas declarações lá no Registro Civil, impedindo que nos dessem a licença de casamento. Não é muito decente êste modo de viver!

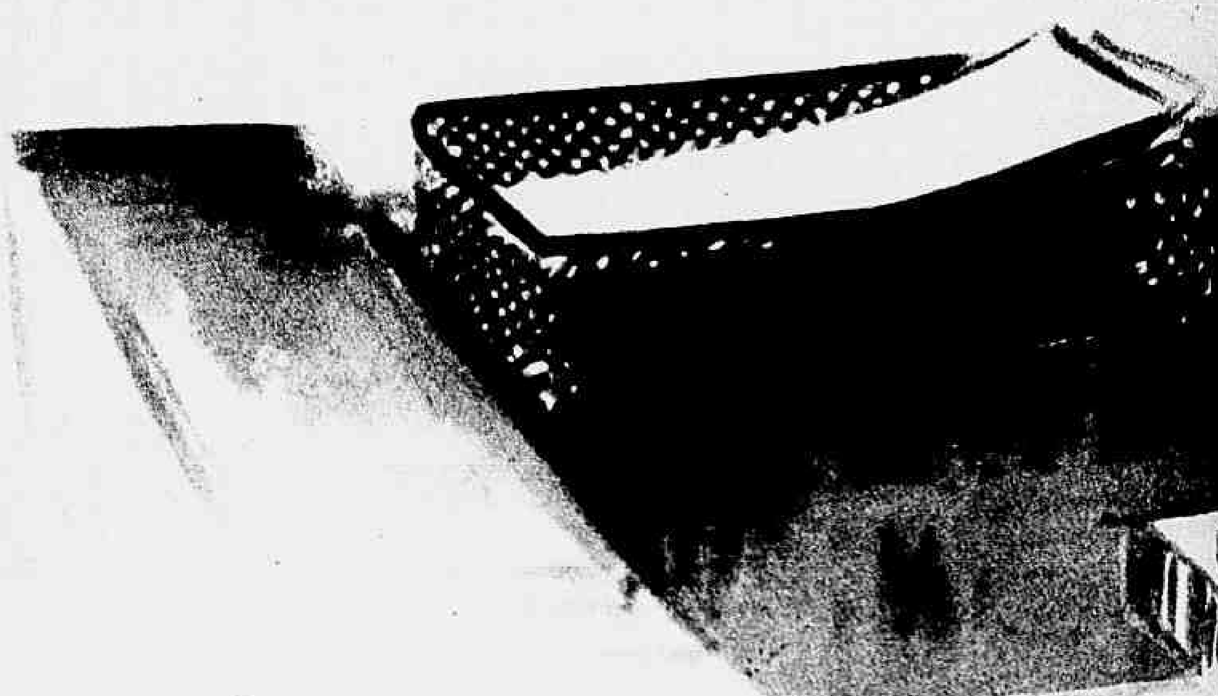
— Mas, se vamos casar-nos, querida!

— Sim... — murmurou ela, caindo novamente em tristeza. — Como nos decidimos tão repentinamente! — E com voz melancólica: — Eu desejaria obter o consentimento de meus pais para casar-me. Como não será possível casar-nos senão dentro de alguns dias, não lhe parece que haverá tempo de escrever-lhes uma carta e esperar a resposta? Tenho precisão de comunicar-lhes isso.

Pierston manifestou suas dúvidas a respeito da oportunidade dessa medida, o que a levou a desejá-la mais firmemente. Essa discordância provocou uma discussão entre

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Jocelyn Pierston, jovem escultor residente em Londres, fôra visitar seu pai na povoação da ilha em que morava, quando se apaixonou por Avicia, uma conhecida de infância. Mas, por motivos diversos, Pierston ficou em dúvida se, na verdade, era ela a encarnação de sua Bem-Amada. E se comprometeu com Marcia Beucomb, uma jovem que era filha de um inimigo de seu pai. Ela viajara no mesmo carro com êle, para Londres, e Jocelyn a pediu em casamento. Mas, antes de celebrar o ato, foi aconselhar-se com um colega de arte, ao qual fêz um relato de tôdas as suas mais recentes aventuras.



ambos, até que ela, por último, explodiu colèricamente:

— Já que nos vemos obrigados a demorar o casamento, não quero casar-me sem o consentimento de meus pais.

— Pois então, querida, não seja esta a dúvida. Escreve-lhes.

De volta ao hotel sentou-se Márcia a redigir a carta; mas, depois de um minuto, jogou para lá a pena, dizendo:

— Não, não quero escrever. Não posso subbeter-me a semelhante diminuição de mim mesmo. Quer escrever, você mesmo, por mim, Jocelyn?

— Eu? Não vejo razão para ser eu quem vá escrever-lhes, uma vez que já lhe disse ser prematuro qualquer carta nesse sentido.

— E' que você não tem lutado com meu pai, como eu.

— Claro que não. Mas há entre nós dois velho antagonismo que me impede de escrever. Seria uma coisa estranha para mim. E' melhor que você espere até nos casarmos, para então escrever-lhes.

— Bem. Se é assim, eu vou mesmo escrever. Você não conhece meu pai. Poderia perdoar-me se eu fizesse o que estou fazendo, com um homem de qualquer outra família; mas como você, filho de uma família inimiga por motivos comerciais, nem mesmo à hora da morte me perdoaria por ter desposado, às ocultas, um Pierston. Não me lembrei disto no princípio.

Estas palavras impressionaram muito mal a Pierston. Apesar de sua situação de independência artística em Londres, a maior amizade o ligava ao seu velho e sincero pai, que durante tantos anos resistia firmemente contra as manobras usurpadoras do monopolista Beucomb, além de, com sacrifícios, tê-lo mantido nas melhores escolas de arte de Londres, consolidando-lhe a educação. Ferido no mais íntimo de sua dignidade, pediu a Márcia que não repetisse tais palavras acêrca da família Pierston, e ela, silenciosamente, terminou a carta, pedindo para resposta a Posta Restante, a fim de evitar que descobrissem em que bairro de Londres estavam.

Não veio nenhuma resposta pela volta do correio. Mas, inexplicàvelmente, não foi de bom augúrio que recebeu ela várias cartas chegadas para ela depois de sua fugida da casa paterna. Começou ela a abrir uma por uma, até que, ao ler a última, passou a rir às gargalhadas.

— Que coisa engraçada! — Disse ela.

— Que foi? — Indagou Pierston .

Márcia começou a ler a carta em voz alta. Era de um fiel admirador, jovem cavalheiro de Jersey, o qual afirmava estar disposto a deixar a Inglaterra com o propósito de reclamar a sua amada, conforme a palavra empenhada.

A moça estava meio risonha, mas sem ocultar a preocupação, e exclamou:

— Que farei?

— Que fará? Acho, minha querida, que só há uma coisa que fazer, e é muito simples. Diga-lhe, imediatamente, que está em vésperas de casar-se.

Márcia passou a redigir a resposta com os auxílios de Jocelyn, que ajudava a construir as frases da maneira mais gentil possível.

A carta terminava assim:

«Repito que havia esquecido o compromisso, completamente. Sinto-o, muitíssimo; mas é a verdade. Isso mesmo já disse ao meu prometido espôso, o qual, por cima do meu ombro, olha o que escrevo.»

(Cont. no próximo número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON



O GRANDE FANTOMAS

MEU nome é Martim Ramos. Tenho quarenta e dois anos e estou, novamente, depois de doze anos de afastamento, de volta à Marinha. Houve uma época em que fugi do mar como o criminoso do remorso. Mas o chamamento do mar foi mais forte que a minha resistência e aqui estou novamente, nesta tarde quente de dezembro, debruçado na amurada do velho barco, espiando a azáfama do cais. Acaba de chegar um belo navio inglês e, não faz muito, surgiu uma dezena de fotógrafos e repórteres e um mundo de gente bem barbeada para receber o «Coronia» em sua primeira visita ao Rio. E foi quando eu me lembrei do velho Fantomas, o Grande Fantomas, um tipo curiosíssimo que encontrei, de certa feita, quando estava no circo. Os fotógrafos e a gente bem que invadiram o cais, no dia da festa, me trouxeram à memória troços de conversa do velho ventríloquo que teve um fim tão trágico e desesperado naquele agora distante ano de 1940, numa cidadezinha esquecida do interior do país. O Grande Fantomas também já teve fotógrafos e homens de barba feita esperando-o no cais ou nas gares dos caminhos de ferro. E ainda que, depois de sua decadência, muita gente, mesmo lá no circo, tenha duvidado disto, nesta tarde quente de dezembro eu chego à conclusão de que êle falava a verdade quando contou aquelas coisas sôbre o seu passado.

Eu havia deixado o barco (pensava que para sempre) e fiquei um mundo de tempo parado, sem ter o que fazer. Não custou muito e fiquei sem níquel nem para o cafèzinho. Foi quando descobri o circo armado na rua principal da cidade. Estavam precisando de empregados na estrebaria. Me empreguei. A vida ali era muito agitada, de sobressaltos para sobressaltos, vez que as finanças da emprêsa não andavam muito equilibradas e o empresário, o gordo Ranovitch, não era um homem verdadeiramente sóbrio. Bebia muito, mesmo, e isto fornecia motivos, não poucas vêzes, para que a sua cara-metade (a Grande Paulina, trapezista e sócia do negócio) lhe aplicasse tremendas tundas quando julgava que todo mundo deveria estar dormindo. Mesmo assim, vivia-se, podia-se apanhar parte do salário semanal, uma vez ou outra, e o circo ia sendo armado e desarmado, de cidade em cidade, por todos êsses caminhos ásperos da América do Sul.

Como empregado da estrebaria, eu fui chamado a trabalhar no picadeiro, ajudando a retirar objetos de cena e, nos entreatos, os artistas me pediam para comprar café e bebidas e, às vêzes, as amazonas me faziam confidências sôbre seus respectivos amantes. Foi neste mister, aliás, que encontrei Sidália. Gostei do nome dela a primeira vez que o vi numa mala de bagagens. Eu havia conhecido, em 1936, nas Antilhas, uma mulata muito bonita com êste nome e a coincidência tornava as coisas particularmente interessantes para mim. Mas voltemos ao que interessa.

Sidália era a espôsa do Grande Fantomas, o homem que trabalhava com os bonecos e cujo número vinha sendo um sucesso um tanto duvidoso nesses últimos tempos. Era um tipo pequenino, meigo, dessas mulheres que nos parecem, a princípio, mais irmãs que pròpriamente mulheres. Loura, magrinha, os olhos muito azuis e uns dentezinhos alvos e pequeninos que nem dentes de rato. Tinha uma voz macia, fresca e, preferia sempre concordar com as pessoas se tivesse que discutir por qualquer coisa. O meu encontro com ela se deu por acaso. Eu ia passando para a estrebaria, meia hora antes da função da noite, quando aquela mulherzinha loura assomou entre o pano da barraca e me chamou:

— Ei, moço.

— Diga, dona.

— Pra onde vai?

— Tenho o que fazer na estrebaria.

— Você é o moço da estrebaria?

— Sou, sim, senhora.

— Não é você quem vai comprar café para os artistas?

— Também sou eu.

— Pagam-lhe alguma coisa por isto?

— Sempre me dão algum, quando têm.

— Pois, pegue. Vá comprar conhaque para o Grande Fantomas. Êle está passando mal.

— Está certo, dona.

Ela desapareceu na lona da barraca antes que eu tivesse tempo de dizer qualquer coisa mais. Meti a nota no bôlso e fui ao botequim mais próximo apanhar a pinga para o velho. No caminho, ia matutando o que teria aquêle serafim visto no velho ventríloquo para se amarrar com êle. De volta, chamei à porta da barraca. A voz de falsete mandou que eu entrasse. Afastei o pano da barraca. A lourinha estava sentada ao lado da cama-de-abrir-e-fechar onde se encontrava o Grande Fantomas, estendido, muito pálido. Êle era um homem já bastante entrado nos anos. Teria sessenta anos e o seu rosto era cortado por rugas severas que denunciavam, mais que nada, a ruína total de um homem sendo levado à miséria pelas recordações de um grande passado. O velho fitou-me nos olhos (tinha uns imensos olhos avermelhados, febris, que faziam mal quando se enfiavam pelos olhos da gente) e sorriu dèbilmente.

— Muito obrigado, meu filho.

Apanhou o copo e bebeu o conhaque em goles compassados, como se tivesse bebendo remédio para o coração ou coisa que o valha. Depois, fêz desaparecer guela a dentro todo o conteúdo do copo, mandou que me sentasse, apesar dos meus protestos de que tinha muito o que fazer.

— Antes — disse êle com sua voz muito grave — sentar ao lado do Grande Fantomas era uma honra que ninguém queria perder. Você não acredita, não é?

Quis protestar, dizer que não via porque não acreditar. Mas êle prosseguiu como se não esperasse resposta minha:

— Sei, sei. Vocês têm razão. Não podem acreditar. Quem viu o Grande Fantomas, dez anos atrás, não poderia reconhecê-lo nesta ruína que está aqui. Viu? O público já começou a fartar-se de mim e dos meus bonecos. Não tardará o dia em que nos vaiarão, a mim e aos meus camaradas. Quer ver? Espere. Entretanto, houve época em que o nome do Grande Fantomas tomava a fachada de todos os teatros, de ponta a ponta. E os artistas que trabalhavam no meu espetáculo se sentiam muito honrados com isto, mesmo quando os seus nomes não apareciam nos programas. Hoje...

Levou a mão à fronte e teve uma careta de dor. Sidália apressou-se em trazer uma toalha molhada e depô-la na testa do velho.

— Escute aqui — prosseguiu êle — você pode perguntar por tôda a América do Sul quem é o Grande Fantomas. Em Buenos Aires, meu nome atraía multidões e o próprio presidente da República aplaudiu, de pé, meu número. Em Quito, os índios me chamaram de Grande Feiticeiro e realizaram uma festa que durou três noites, em minha homenagem. Hoje...

Vi que a conversa fazia mal à pequena Sidália. Ela mordia os lábios, creio que tentando prender as lágrimas. Eu não podia compreender o que a ligara àquele homem. O velho continuou a falar e em breve o seu tom não era mais de triste recordação, mas um rugido de ódio e revolta contra o mundo que agora o cercava. Estava na hora da função e eu me retirei, temendo chegar atrasado à pista, mas profundamente impressionado com as palavras de Fantomas.

O que êle temia aconteceu justamente naquela noite. O seu número foi vaiado bàrbaramente. Da galeria, atiraram uma pedra no picadeiro. Em estado de choque, Fantomas foi levado para a sua barraca. E o espetáculo continuou.

No final da noite, quando me vi novamente de folga, dei um pulo até à barraca do velho. Êle estava sentado à cama, tendo, cavalgando nas suas pernas, os dois bonecos (seus camaradas) e conservou-se mudo e absorto, durante um quarto de hora, apesar de eu ter insistido em falar sôbre diversas coisas, apelando para os seus sentimentos e tentando consolá-lo. O Grande Fantomas não dizia nada. Nem quando Lolo, o palhaço, chegou e tentou gozar o espetáculo de sua ruína, nem quando Jackie, o trapezista do vôo-cego, procurou compartilhar de sua dor. Nada surtiu efeito. Sidália entrou, vestida de amazona. O seu número era o último e ela sempre se demorava um pouco na estrebaria antes de ir para a barraca. Perguntou ao velho se queria alguma coisa. Êle disse, apenas perceptìvelmente:

— O que eu quero, ninguém mais me pode dar...

E remergulhou no seu mutismo. Em determinado instante, surpreendi no seu olhar uma fixidez de demente e temi pela sua vida. Mas os demais não pareciam perceber nada e foram se retirando a pouco e pouco, constrangidos e mal-humorados. Saí, também.

Naquele instante, compreendi em tôda a sua hediondez o que significava a palavra decadência, o vocábulo mais temido dos artistas e que, para mim, até aquêle dia não tivera maior importância. A dor de Fantomas entrava pela minha carne como uma punhalada e eu me meti num côcho vazio, na estrebaria, e fiquei remoendo meus pensamentos, um cigarro pendurado no lábio inferior. Não sei quanto tempo passou até que ouvi ruído de passos. Alguém entrara no pavilhão da estrebaria. Apoei-me no cotovêlo e olhei na direção dos passos. A silhueta delgada de Sidália recortou-se contra a pálida luz do fim de noite.

— Estava aí? — disse ela. E aproximou-se devagar.

Não sabia o que responder e nem ao menos compreender porque ela me procurara. Tinha o semblante calmo, parado e caminhava com aquela leveza própria de Luna, o tigre. Sidália sentou-se à beira do côcho e pediu um cigarro. Ficamos um instante sem dizer nada, fumando, mas pensando ambos na história de Fantomas. Súbito, Sidália rompeu num chôro convulso, nervoso, incontrolável.

Tentei consolá-la, mas, eu mesmo, se não me jactasse de ser um homem do mundo, teria procedido da mesma forma. Puxei-a para o meu lado e encostei sua cabecinha no meu peito, amparando-a enquanto ela chorava. Não sei quanto tempo ficamos assim. O chôro de Sidália foi desaparecendo e depois eu sentia apenas os soluços fracos que escapavam de sua garganta e o frio das lágrimas que lhe banhavam o rosto. Estávamos aconchegados, um ao lado do outro e, de repente, eu senti despertar em mim um desejo louco que hoje me enoja só em recordar. Afinal, ela era uma mulher (pequenina, frágil, meiga e doce como uma virgem) e eu um homem rude que andara sempre sem ter onde parar certo. Acariciei os seus cabelos louros e macios e beijei-lhe os olhos úmidos. Ela soltou um

(Cont. na pág. 42)



Conto de **PÉRICLES LEAL**

Ilustração de **RAMON**

Semana LITERÁRIA

UM AUTOR

MARCEL PAGNOL



DESDE «Topaze», Marcel Pagnol se tornou um nome universal. O teatrólogo marselhês — bem marselhês, aliás — goza em todo o mundo, de um prestígio singular. Além disso, o cinema de muito serviu à sua popularidade, quer quando êle utilizou essa técnica para tratar a própria obra, quer quando tratou, pelo cinema, a obra alheia.

Todos, por exemplo, sabemos a obra-prima que constitui o filme «A Mulher do Padeiro» que êle extraiu de um capítulo do «Jean-le-Bleu», de Giono. Suas atividades, entre o cinema e o teatro, como autor e diretor, ainda lhe permitem exercer, em Monte Carlo, onde reside, as funções de cônsul de... Portugal.

Recentemente, Pagnol iniciou a filmagem de uma película em que faz a apologia da água, da importância que têm os elementos para a humanidade. Será um filme muito longo, através do qual, como tem feito através de suas peças, êle se apresenta como um criador de alto sentimento humano e de grande verve.

HOJE

(Dedicado a Edmundo Lys)

Depois de apagado,
o sonho volta como se fôra
o primeiro.
Não resta nem a criança,
nem o homem inclinado,
nem a luz apagada,
nem as flores restam,
depois do último sonho.
Resta a tristeza
daquele que volta,
voltando sempre
para o mesmo lugar.
Resta a agonia
daquele que morre,
morrendo sempre
no mesmo lugar.
Resta a solidão
daquele que vive,
vivendo sempre
no mesmo lugar.
Resta o desespêro
daquele que chora,
matando-se ao menos
no mesmo lugar.

(Do livro em preparo: "O Tempo do Cansaço").

REYNALDO BAIRÃO

FORA DO PRELO

★ CULTURA DA MACIEIRA — Considerada, pelos conhecedores, o catecismo da vida rural, a série Abc do lavrador prático, das Edições Melhoramentos, já ultrapassou trinta volumes. Exatamente o trigésimo é que trata da «Cultura da Macieira», de autoria de José de Almeida Santos Neto. Páginas bem ilustradas, que explicam todos os pontos relacionados com a «Cultura da Macieira». Os próximos livrinhos sôbre Leite e como conseguir maior produção de leite.

★ HISTÓRIAS DE VOVÔ SARGENTO — Para divertir e educar são as «Histórias de Vovô Sargento», original de Luís Peixoto Gomes Filho, ilustrações de Oscar Belfort e trabalho gráfico do Livro Vermelho dos Telefones. Os temas são simples e agradáveis, constituindo atração para os pequenos leitores e demonstrando as qualidades do autor no gênero de escrever para o mundo miúdo.

★ COMO OS TRUSTES EXPLORAM O BRASIL — Em edição da Casa do Estudante do Brasil, acaba de aparecer êste volume de A. Rodrigues Monteiro. E' uma denúncia pormenorizada do assalto ao país pelos trustes estranjeiros, obra de palpitante atualidade e destinada a um grande público, motivando, naturalmente, muita discussão.

★ A FILHA DE D. SINHÁ — O escritor Mário Sette, nome consagrado na ficção, como no ensaio, na crítica e na história, vem de entregar ao seu grande público êste romance, edição da Casa do Estudante. Trata-se de uma história do princípio do século, através da qual se opõem dois mundos, o que nos veiu do século XIX e o que se abriu da primeira guerra mundial. Depois voltaremos a êste livro, cujo aparecimento agora registramos.

PRÊMIOS DA ACADEMIA

A Academia Brasileira de Letras concederá em 1953, os seguintes prêmios:

I — *Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, de Cr$ 12.000,00 pelo conjunto de obra literária de escritor brasileiro que tenha publicado pelo menos um livro altamente recomendável, no triênio de 1950-1952;*

II — *Nove prêmios de Cr$ 5.000,00 cada um, destinado à livros inéditos ou publicados em 1952, em lingua portuguêsa, de autores brasileiros.*

a) *Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras, para Poesia;*

b) *Prêmio Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras, para Romance;*

c) *Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, para Conto e Novela;*

d) *Prêmio Silvio Romero, da Academia Brasileira de Letras, para Crítica e História Literária;*

e) *Prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Brasileira de Letras, para História Social, Política ou Memórias;*

f) *Prêmio Artur Azevedo, da Academia Brasileira de Letras, para Teatro;*

g) *Prêmio João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras, para Filologia, Etnografia e Folclore;*

h) *Prêmio José Verissimo, da Academia Brasileira de Letras, para Ensaio e Erudição;*

i) *Prêmio Carlos de Laet, da Academia Brasileira de Letras, para Crônicas, Viagens e quaisquer outros gêneros que se não enquadrem precisamente nas alineas precedentes.*

III — *Prêmio Júlia Lopes de Almeida, de Cr$ 7.200,00, destinado a livro inédito ou publicado de autor feminino, de prosa, de preferência romance ou coleção de novelas, ou de contos; na falta, poderá ser concedido a livro de versos, de qualidade superior e de forma chamada clássica, sempre de autor feminino.*

IV — *Prêmio Ramos Paz, de Cr$ 2.000,00, destinado a obra original e inédita, de autor brasileiro ou português, de qualquer ramo de literatura em geral, especialmente do Brasil, dando-se preferência, em igualdade de condições, aos autores mais jovens.*

Art. 1 — *As inscrições aos prêmios indicados sob os nºs II, III e IV, estarão abertas até 31 de março de 1953.*

UM LIVRO

"MENINO OU ANJO"

Mesmo que não fôsse citado o nome de Saint-Exupery, a lembrança do grande ás viria logo ao leitor dêste livro de Van Jafa, o jovem poeta que aparece agora assinando seu segundo livro de poemas — «Menino ou Anjo». Entre tôdas as fontes de inspiração que confluem nestes poemas, a mais insistente é a que jorra dos caminhos do espaço, dando um timbre original e impressivo a êste lirismo tão comunicativo.

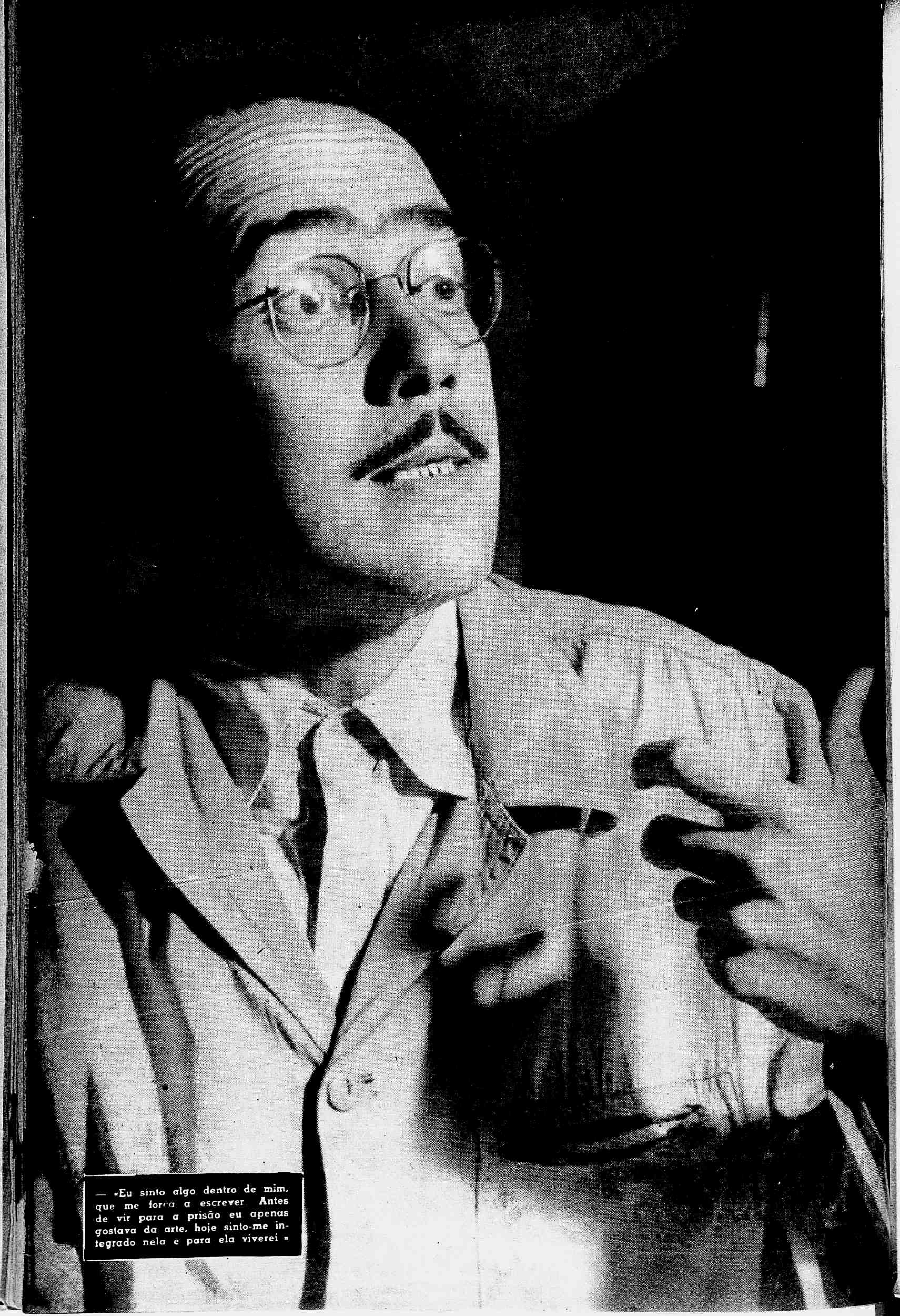
Muito raramente a aviação tem servido de tema poético, principalmente entre os poetas novos. Entre os antigos, um que outro falou da aeronáutica, em caráter descritivo ou encomiástico. Rostand tem, por exemplo, «Le Chant de l'Aile». Outros fizeram versos em tôrno de figuras da aviação. Dos escritores e poetas que trataram do assunto, sòmente Saint-Exupery conseguiu dominá-lo, sem pieguice, sem ignorância, sem mediocridade e sem metáforas e hipérboles ridículas.

● **Van Jafa procurou neste livro, nos poemas dêste livro, aquêle país de que nos dá o roteiro em um verso: «A Infância é um país distante». Nesse país, êle encontrou, também, entre outros deslumbramentos — o das viagens aéreas, das aventuras do espaço, do lirismo das asas metálicas. Talvez por isso êste título, «Menino ou Anjo», seja tão próprio para os poemas: o poeta submerge naquela zona de mistério e encantação em que não pode dissociar-se nessa dualidade que o «ou» tão admiràvelmente exprime, com nitidez e poesia. Aqui o poeta não pode afirmar que é o mesmo menino que evoca o anjo com que sonhou ser, voando no azul do maravilhoso mistério. Confunde os dois personagens.**

● **Ora seus poemas têm o tom nostálgico da remembrança, ora se alam como asas sôltas, acompanhando a rota dos pássaros de alumínio. E todos êstes poemas se banham em ondas de poesia, mergulham fundo no lirismo, tocam nos abismos ignorados do mistério poético. Diríamos que, para vencer o sentimentalismo, a notação de humor surge aqui e ali, procurando vencer o enternecimento. Mas, mesmo êsse humor é tão expontâneo, tão íntimo desta poesia, de tanta naturalidade, que não diminui a «portée» emocional, antes, dilata-a, tornando-a ilimitada, como, por exemplo, quando êle nos fala das «Focas adolescentes» ou quando declara:**

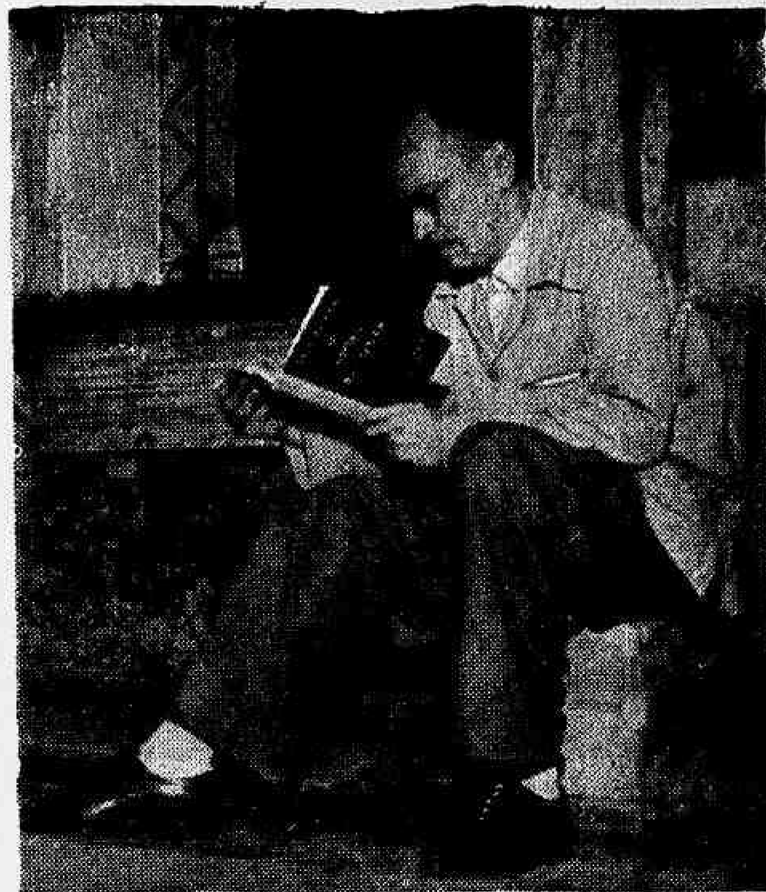
«Vacas do mundo inteiro
eu vos amo profundamente».

● **O poeta que estreou sob os melhores auspícios, confirma neste segundo livro os prognósticos otimistas da crítica. Êle apurou já sua técnica, sua expressão e conseguiu maior domínio sôbre o conteúdo de seus poemas, sabendo refrear os ímpetos de sua exuberante riqueza lírica.**



— «Eu sinto algo dentro de mim, que me força a escrever. Antes de vir para a prisão eu apenas gostava da arte, hoje sinto-me integrado nela e para ela viverei »

A PENITENCIÁRIA FÊZ UM ESCRITOR



O escritor-presidiário leu mais de 200 obras, em 4 anos. Quase tudo sôbre criminologia que existe êle devorou. Leu também obras teatrais.

CARLOS FSCOBAR FILHO, DE BANQUEIRO A LITERATO ★ ESCREVEU QUATORZE PEÇAS E UM ENSAIO ★ LEU DUZENTOS LIVROS EM QUATRO ANOS ★ VAI PEDIR ANULAÇÃO DA SUA PENA ★ "TENHO PROVAS PARA TANTO" ★ O QUE SERÁ DÊLE QUANDO SAIR DA PRISÃO

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JÚNIOR — Fotos de ANTONIO PIROZZELLI

— «Quando eu sair daqui dedicarei o resto de minha vida ao teatro! — Carlos Escobar Filho, ex-banqueiro, acusado de estelionato e de causador indireto da morte de um homem público, que está condenado a dez anos de prisão, pela justiça, sorriu amplamente aduzindo: — «Não quero mais nada com cifras nem com bancos, levarei à cena as peças que estou escrevendo e serei um homem feliz, se vencer na carreira de autor teatral, que só agora descobri em mim.»

Estávamos no gabinete do diretor da Casa de Detenção de São Paulo. Escobar, trajando calça do uniforme dos prisioneiros e um elegante blusão de «shantung», palestrava animadamente, como se estivesse na sala-de-estar de sua residência.

★

O nome de Carlos Escobar Filho já ocupou, por dias, as manchetes dos jornais de todo o Brasil. Sua fama, porém, não estacionou aí. Os teletipos de mais de uma dúzia de agências noticiosas funcionaram furiosamente, quando foram constatados os primeiros sintomas da falência verificada com o primeiro banco de investimentos do Brasil, fundado e presidido por êsse moço de 39 anos, mas que, apesar das vicissitudes por que passou, não apresenta mais de 32.

Isso não faz muito tempo. Era 1949 e, já em dezembro de 1950, sem defesa devidamente preparada, Escobar foi condenado a 10 anos de prisão, pena confirmada, posteriormente, em julgamento realizado em setembro de 1952.

Quase 4 anos são passados. Escobar, interiormente, mudou muito. Esqueceu as cifras e voltou-se para os livros. Leu e escreveu muito, acabando por ser contemplado com o prêmio Nicolau Carlos Magno, instituído pelo Teatro dos Estudantes do Rio de Janeiro, em colaboração com o «Jornal de Letras». Entre inúmeros candidatos, o ex-banqueiro foi contemplado pelo valor de um ensaio sôbre o teatro grego, por êle escrito nas horas vagas, dentro dos muros da Casa de Detenção da Capital paulista.

Escobar é como tantos outros moços irrequietos e ambiciosos que, vindos do nada, aproveitando as oportunidades oferecidas nas grandes cidades, com esfôrço e perseverança, conseguem galgar os degraus da vitória, um a um.

Adolescente ainda, filho de pais pobres, o escritor-presidiário começou a trabalhar como entregador de cartas, no Banco Comércio e Indústria.

Ao mesmo tempo, compreendendo o valor do homem formado nos dias que correm, começou a estudar. Dia após dia, noite após noite, varando uma cadeia árdua e incontável de anos, Escobar estudou. Estudou e subiu, chegando a ser gerente do banco onde entrara como «office-boy».

★

A ascensão do jovem Escobar era notável. Formara-se pela Escola de Sociologia e Política, conhecera figurões, no mundo das finanças, aprendera a manusear bilhões de cruzeiros como um cobrador de ônibus manuseia níqueis e notas de baixo valor amarrotados e sujos.



Após as aulas que dá aos companheiros, Escobar escreve. Nestes 4 anos escreveu o ensaio sôbre o teatro grego, que lhe valeu o prêmio Nicolau Carlos Magno e 14 peças teatrais, que pretende encenar, quando sair da cadeia. Escobar lê ao ar livre e escreve à noite, de preferência.

Sua ambição crescia. Já não lhe servia o pôsto de gerente. Queria algo mais, algo que de fato lhe desse a importância que queria ter. Matutou, fêz planos, convocou amigos e milionários, levantando o capital necessário para a fundação da Casa Bancária Investidora Brasileira, primeiro estabelecimento do gênero no país.

A essa altura, seu nome criava raízes nos círculos econômicos. Tornara-se redator econômico de jornais, membro do Conselho Econômico da Federação das Indústrias e da Associação Comercial, de São Paulo. Seu conceito subia depressa de mais, segundo dizem os que assistiram à derrocada, de maneira implacável, sorrindentes, até.

★

Fins de 1948. O «câmbio-negro do dólar» é desenfreado. A lei brasileira não prevê punição para quem negocia com essa moeda, de forma criminosa.

Os banqueiros fazem fortuna. Os milionários esbanjam, em países estrangeiros, com viagens de turismo ou compras dispensáveis, os dólraes que o Brasil irá precisar dentro de dois ou três anos.

Muita gente enriqueceu, desde o início da guerra até êste ano de 1948. Muito «rabo-de-peixe» é comprado nos Estados Unidos e os banqueiros, aproveitando-se da ânsia incontida dos novos ricos, também fazem fortuna fácil. O povo sofre, como sempre, as conseqüências dêsses desmandos.

Escobar é um dêsses banqueiros e é êle mesmo quem explica: «Naquele tempo o «câmbio-negro» do dólar não era considerado crime, perante as autoridades brasileiras. Se eu não negociasse, outros negociantes o fariam. Porém, era um jôgo perigoso.»

«Eu estava ganhando muito — o prêso sorri. Suas mãos, longas e finas, pálidas como as de um virtuose do teclado, mexem-se com uma finura que nos distancia das grades do presídio. Escobar sorve o café, olha para o assistente do diretor da Casa de Detenção e prossegue: — Porém, de uma hora para outra, o dólar subiu. Eu, propositadamente, atrasei meus pagamentos nos Estados Unidos, na esperança de que uma baixa violenta viesse após a alta. Isso não se deu. Meus depositantes, sabendo-me devedor no estrangeiro, assustaram-se e meu banco sofreu uma corrida.»

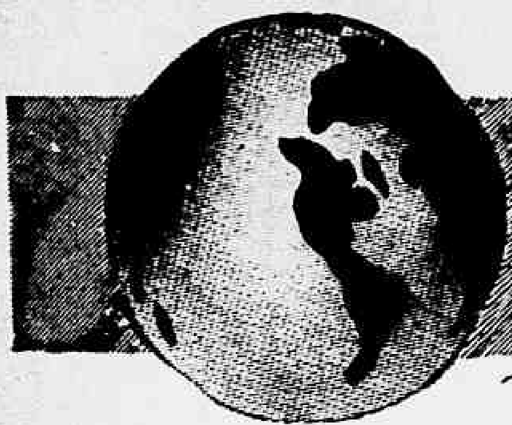
«Na época, como eu já disse mas quero frisar, as operações em que me envolvi não tinham proibição legal que as condenasse. E, agora, o próprio govêrno pretende instituir o câmbio-livre, o que seria a oficialização das operações por mim realizadas. Contudo, a corrida me arruinou.»

★

Escobar esmaga o cigarro no cinzeiro. Calmo, sem violência, como se estivesse colocando um óbulo num cofre de igreja. Volta-se para o repórter e suspira, meio divertido, meio conformado: «Má sorte... e nada mais.»

Quando isso sucedeu, versões várias foram estampadas nos jornais. Dizia-se que êle estava pronto para embarcar, rumo aos Estados Unidos o que, mais tarde, foi desmentido por um atestado do Consulado Americano.

(Cont. na pág. 42)



LIDO... VISTO...

O PRESTIGIO DO SETE

— O sonho do Faraó, decifrado por José, constava de: 7 vacas magras, 7 vagas gordas, 7 espigas vazias e 7 cheias.

— Sete igrejas são mencionadas no Apocalipse.

— Os livros dos Profetas têm sete selos.

— Os sacramentos são 7; 7 são os pecados capitais; 7 salmos da penitência; 7 dores; 7 alegrias e 7 glórias na história da Virgem Maria.

— Finalmente, a bêsta do Apocalipse tem 7 cabeças.

OURO DO BRASIL

Certa vez, quando estava em Lisboa o poeta lusitano José Basílio da Gama, residente no Brasil e afamado autor do poema «Uruguai», uns conterrâneos seus lhe mostraram a estátua de D. José, perguntando:

— Há, no Brasil, monumento que se compare a êste?

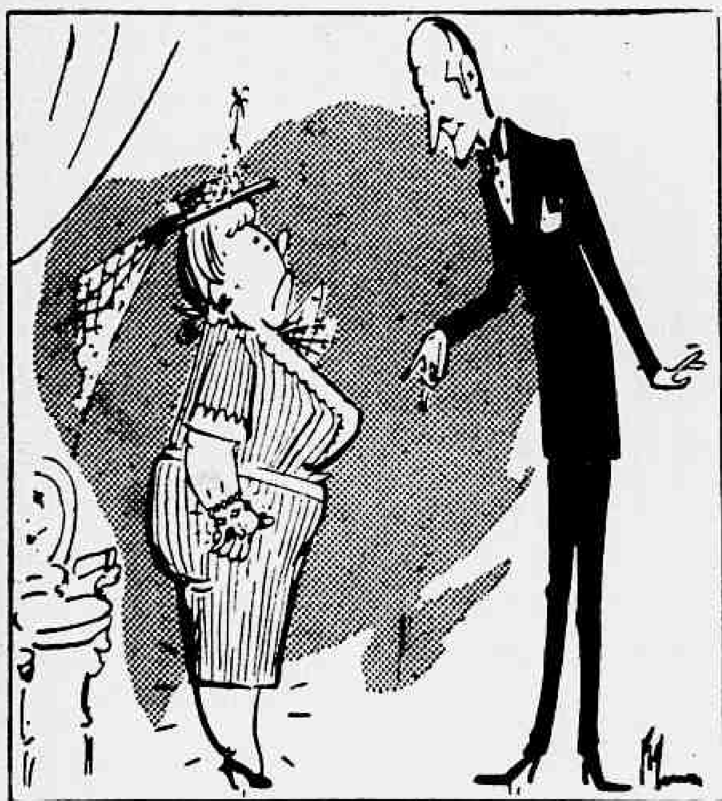
— Não, respondeu o poeta. E procurando desfazer a humilhação: — Mas poderia erguer um dêsses, de ouro maciço, com o ouro que tem mandado para cá.

CAPISTRANO DE ABREU

Era dotado de espírito mordaz, o famoso historiador cearense. Certa vez, quando se realizavam festejos em Portugal e no Brasil em homenagem a mais um centenário do nascimento de Camões, alguns dos maiores vultos das letras nacionais conversavam sôbre a data, quando chegou Capistrano. Consultado acêrca da justeza dessas cerimônias, respondeu o historiador:

— E' assim mesmo. Em terra de cegos quem tem um ôlho é rei...

O QUE RELEMBRA ESTA GRAVURA?



RELEMBRA o diálogo entre a embaixatriz do Brasil em Bruxelas e o ministro do Brasil em Paris, dr. José Maria do Amaral. Era êle de bela cultura e muito eloqüente. Mas de corpo desajeitado e muito magro. A embaixatriz do Brasil em Bruxelas, recebendo-o numa festa, quis fazer espírito à custa dêle e lhe perguntou como se arranjaria na Côrte russa, quando tivesse de comparecer a festas em que os homens usassem calções. Êle não se perturbou e respondeu: «Farei isto: caso-me com uma dama tão linda como a senhora, visto como a senhora está vestida, e todo mundo se preocupará com as pernas dela, e deixarão as minhas em paz.»



OLIVIA DE HAVILLAND ainda é uma das mais belas caras do cinema norte-americano. Seu rosto bem traduz a sensibilidade de sua alma emotiva. Olivia era casada com o escritor Marcus Goodrich; mas, por motivos baseados na incompatibilidade de gênios, coisa a que, lá nos Estados Unidos dão o nome de «crueldade mental», terminando com a separação. Ela propôs ação de divórcio no Tribunal de Los Angeles, sendo vitoriosa e o fim do vínculo matrimonial decretado pelo Juiz a 26 de agôsto último. Mas Olivia, que é uma sensibilidade mais do que cinematográfica, ao deixar o salão de audiências do Tribunal, não continha as lágrimas. Chorou quando casou; chorou também ao divorciar-se.

O ESPÍRITO DE MME. STAEL

A grande escritora Madame de Stael foi várias vêzes exilada por Napoleão. Alguns de seus amigos esforçavam-se em vão por fazê-la cair nas boas graças do Imperador. Um dêles disse um dia à brilhante autora de «Corinne»:

— Aproveite, agora, o nascimento do Rei de Roma. Para obter a benevolência do Imperador, cante o recém-nascido imperial!

E a escritora, com aquêle seu espírito crítico superior:

— Tudo o que eu posso fazer por êle é desejar-lhe uma boa ama de leite...

QUEM DISSE ISTO?

1 A Academia (a francesa) será eterna porque repousa na vaidade.

2 A farsa está acabada.

3 Os vivos são sempre governados pelos mortos.

4 A superstição está para a religião, como a astrologia está para a astronomia: a louca filha de uma mãe sábia.

5 Não posso obrigá-los a ter patriotismo; mas posso obrigar os senhores a cumprir a lei.

(Respostas na página 42)

OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ...

A PRIMEIRA LÍNGUA DA HUMANIDADE

PARA os sábios do Egito, cabia a êsse país a prioridade da língua inicial sôbre a Terra; mas, contra isso se levantavam os sábios da Frígia. Ali é que começara a língua humana. Um rei do Egito resolveu acabar com a teima e descobrir o mistério. Chamou os seus sábios e conselheiros e disse: «Colocai num quarto isolado de todos, uma criança recém-nascida. Alimentai-a sem que ela ouça qualquer voz humana. Quando estiver na idade de falar, verificai como pede **pão.** A palavra que pronunciar, é esta o índice da primeira língua do mundo». Os sábios assim fizeram. Encerraram num quarto construído para a experiência, uma criança recém-nascida. Todos os dias uma velha, sob a vigilância da guarda, levava uma cabra da qual tirava leite e dava ao bebê. Passaram-se dias, semanas, meses e anos. Quando o menino estava com três anos completos, o rei chamou os sábios e conselheiros, nobres da côrte e generais e foi até lá. O menino, assustado, começou a gritar: **bé! bé! bé!** O rei perguntou aos sábios se aquela palavra existia em alguma língua, significando **pão, comida, alimento.** Verificaram que era na língua dos frígios. **Bé** queria dizer **pão!** O rei do Egito diante do fato, não teve outro jeito se não o de reconhecer que a primeira língua do mundo vinha da Frígia. O Egito perdera a primasia, mas ganhara na experiência. A velhinha que levava o leite à criança, porém, sem ser sábia nem rei, achou que isso tudo era fantasia. Para ela o que o menino fazia era reproduzir o berro da cabra, à única voz que êle ouvira durante sua infância naquela isolação. Dizia **bé, bé, bé,** pedindo leite, porque era isso que êle ouvia quando chegava o leite. E lá se foi tôda a experiência do rei aprovada pelos sábios!

A NACIONALIDADE DOS PAPAS

Até agora houve 262 Papas, divididos pelas seguintes nacionalidades:

229 italianos	2 dalmatas
14 franceses	1 português
7 gregos	1 holandês
3 espanhóis	1 inglês
3 africanos	1 caucasiano

★

DESFILE DE MODAS



No último desfile de modas em Londres, ao qual estêve presente S. M. a Rainha da Inglaterra, o modêlo Lana exibiu um dos mais belos vestidos da temporada, desenho de Norman Hartnell, intitulado "Pavanne" e que despertou aplausos. E' todo de veludo negro bordado de diamantes e próprio para a noite. O agasalho é de rapôsa branca e, como vemos, é de uma elegância digna de princesas e rainhas.

MULHER PREVENIDA



Esta encantadora criatura é a estrêla cinematográfica Monica Lewis, que resolveu navegar com o seu barco a motor, de grande velocidade. Vai sòzinha, senhora dos mares, depois de ser senhora de corações. Mas, pelo sim, pelo não, antes de fazer-se ao largo, lá do Newport Harbour, foi buscar um remo. E' que ela confia no motor, mas tem muito maior confiança em seus músculos . . . pois braço é braço . . .

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 — PORQUE SE TORNOU FAMOSO O FARMACÊUTICO INGLÊS JOHN WALKER
- — Por ter inventado a mistura para fazer fósforos?
- — Por haver descoberto os enxertos de plantas?
- — Por ser o precursor dos estudos atômicos?

2 — PLEBISCITO E' PALAVRA DERIVADA DO:
- — Francês?
- — Latim?
- — Hebraico?

3 — O QUE RESULTA DA MISTURA DÊSTES TRÊS ELEMENTOS: SALITRE, ENXOFRE E CARVÃO:
- — A pólvora comum?
- — A borracha sintética?
- — O carbureto?

4 — QUAL O REI QUE, POR DECRETO, TORNOU OBRIGATÓRIO O USO DOS LENÇOS QUADRADOS:
- — Felipe II, da Espanha?
- — D. João IV, de Portugal?
- — Luís XVI, da França?

5 — QUE TEMPO LEVARIA O SOM PARA DAR A VOLTA AO MUNDO:
- — Uma semana?
- — Quatro dias?
- — 32 horas e meia?

6 — COMO DEVEMOS PRONUNCIAR:
- — Acrobáta?
- — Acróbata?
- — Acrobatá?

7 — QUAL O LUGAR HABITADO MAIS ALTO DO MUNDO:
- — A cidade de Cuzco?
- — O mosteiro budista de Ilane?
- — A cidade de Mendoza?

8 — QUE QUER DIZER ISLAM:
- — Vida de Deus?
- — Religião de Maomé?
- — Eleitos do céu?

9 — O LIVRO DE MAIORES DIMENSÕES EXISTENTE NO MUNDO E':
- — Um Atlas universal?
- — Uma Bíblia?
- — Um tratado de jôgo de xadrez?

10 — QUAL DESTAS AVES A QUE MAIS DEPRESSA INCUBA OS OVOS:
- — A galinha d'Angola?
- — A cegonha?
- — A galinha comum?

11 — DE QUANDO DATA A PRIMEIRA FOTOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO:
- — De 1809?
- — De 1840?
- — De 1875?

12 — QUE NOME TEM AQUÊLE MORRO DE CUJA BASE SAI O BONDINHO AÉREO PARA A URCA:
- — Da Babilônia?
- — De Cantagalo?
- — Da Viúva?

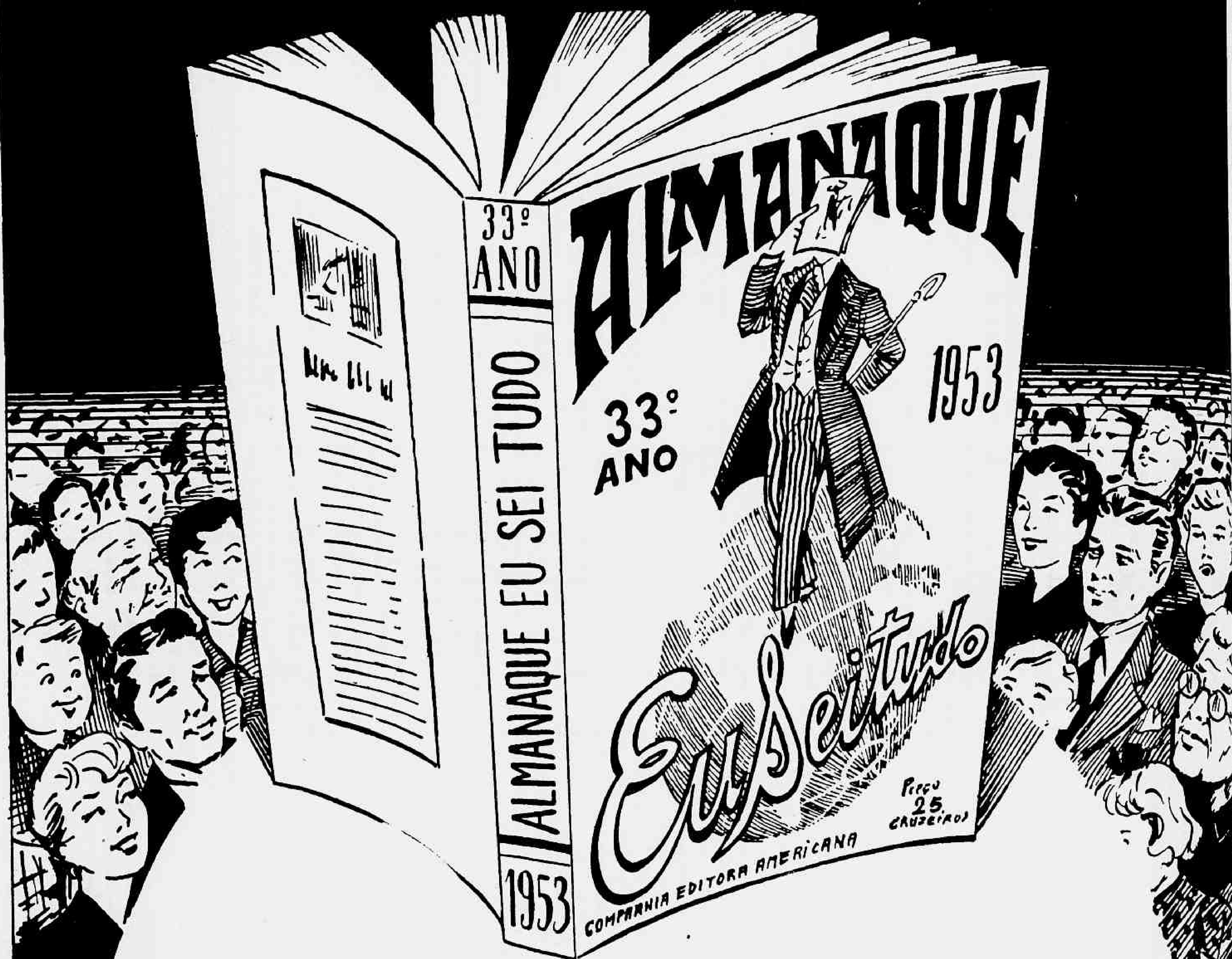
13 — QUE NOME TINHA, ANTIGAMENTE, A RUA GONÇALVES DIAS, NO RIO:
- — Do Cano?
- — Do Piolho?
- — Dos Latoeiros?

14 — QUAL O PRIMEIRO MONUMENTO PÚBLICO INAUGURADO NO RIO:
- — O de Pedro I?
- — O do General Osório?
- — O do Duque de Caxias?

15 — O PRIMEIRO PRÉSTITO CARNAVALESCO A DESFILAR PELAS RUAS DO RIO, FOI A:
- — 1-3-1863?
- — 18-2-1855?
- — 7-3-1810?

Resposta 0	Estado primitivo	— Homem-macaco
de 1 a 3	cultura inferior	— Selvagem
de 4 a 6	cultura média	— Estudante ginasial
de 7 a 11	cultura superior	— Universitário
de 12 a 14		— Um sábio
Tôdas as 15		— O gênio em pessoa

(Respostas na página 42)



JÁ SAIU O LIVRO MARAVILHOSO DOS MIL ASSUNTOS...

O ALMANAQUE

EU SEI TUDO

20 CONTOS ★ NARRATIVAS HISTÓRICAS ★ MARAVILHOSAS HISTÓRIAS INFANTIS ★ UM ROMANCE COMPLETO **QUO VADIS** ★ BANDEIRAS DE TÔDAS AS NAÇÕES ★ PÁGINAS EM POLICROMIA ★ CALENDÁRIOS

PREÇO 25 CRUZEIROS

ATENDE-SE PELO REEMBÔLSO POSTAL OU VALE DO CORREIO

PEDIDOS À CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO

ALIMENTAÇÃO E RENDIMENTO DE TRABALHO



E' verdade incontestável que a saúde, o vigor físico e a disposição para o trabalho, e, em conseqüência, seu maior ou menor rendimento, dependem, em grande parte, da alimentação. Ninguém desconhece, hoje em dia, que muitas perturbações, que vão desde a fraqueza, o desânimo, até à tuberculose, — a devastadora peste branca que tantas vidas ceifa anualmente no Brasil, — têm sua origem na deficiência da alimentação. A êsse respeito foram realizados, recentemente, estudos pelo SAPS, que comprovaram a estreita correlação existente entre a alimentação e o rendimento do trabalho. Testes exaustivos patentearam que a alimentação exerce uma influência muito maior do que se supõe sôbre a capacidade de produção do trabalhador. Exemplos concretos houve de fábricas e serviços públicos, que estavam longe de apresentar, sequer, padrões de relativa eficiência. Destruindo as clássicas acusações à incapacidade e à preguiça dos nossos operários, essas investigações científicas vieram atestar, uma vez mais, de maneira iniludível, que a alimentação era a responsável pelos baixos rendimentos verificados.

Entretanto, não são sòmente fatôres de ordem econômica que determinam o regime de carência em que vivem os brasileiros, em geral, e, em particular, os trabalhadores. Entre outros, cuja influência se faz sentir de maneira não menos acentuada, cumpre ressaltar a falta de uma opinião mais esclarecida, por parte de nossa gente, acêrca das questões que constituem a base da moderna ciência da nutrição. A obra do SAPS, que tanto já se destaca no plano das realizações materiais, sem esquecer, por outro lado, o que tem sido feito, com inegável eficiência, pela referida autarquia, na parte educativa, merece, assim, ser posta em relêvo, pelo muito que representa em benefício da saúde do nosso povo e de sua capacidade de produzir, contribuindo, dêste modo, para criar, em bases sólidas, a verdadeira grandeza e a prosperidade do Brasil.



As refeições fornecidas pelo S. A. P. S. são tècnicamente preparadas e o seu consumo diário leva, em muitos casos, à formação de novos hábitos alimentares. Na fotografia, um aspecto de um restaurante destinado a comerciários, na cidade do Rio de Janeiro.

A REVISTA há 50 anos

1-3-903

CHRONICA — Passei os tres dias de Carnaval mettido em casa, pensando e escrevendo cousas serias no meu gabinete de trabalho. Ha uns bons dez anos que isto acontece pela tendencia innata do meu espirito a rebellar-se contra a tristeza ou alegria obrigatorias, decretadas, impostas por força da lei ou dos costumes.

O meu Carnaval não tem data fixa; também o meu dia de finados não tem. Ha horas alacremente festivas em que a minha alma distilla infinita Dor; outras ha de universal amargura em que ella ri, canta e brinca com um collegial em sueto.

Graças á Providencia, a minha psychologia é inaccessivel ao policia, ao xadrez e ao decreto. E' o que vale.

Para muitas pessoas, porem, o Carnaval faz parte dos deveres sociais que se cumprem sem gosto e até com desprazer, mas em todo caso se cumprem. Ha milhares de creaturas a quem a approximação do triduo folião faz arrepiar os cabellos mas que no dia fatidico lá estão a postos, escorrendo por todos os poros sensaboria e resignação. Causam pena, os desditosos, com o olhar apagado, as fundas olheiras, o sorriso tragico, o corpo bambo das grandes espigas. E quando deixam cahir dos labios sem côr o classico: Não me conheces? é como se a saca rolhas lh'o extrahissem **de imo pectore**.

Daria largas columnas de desconsoladora philosophia a analyse dessas impressões colhidas, aqui e acolá, pelos que se dão ao prazer de disfructar a alheia candura nesses tres dias ensopados ou caniculares que constituem o Carnaval no Rio de Janeiro. Mas... para que? Elles não se encomodariam e nós, em pura perda, contrahiriamos mais algumas desaffeições.

Nem vale a pena accrescentar a affligção ao afflito quando o proprio Carnaval se encarrega de corresponder com amargo desamor aos sacrificios que por elle fazem. Momo é o maior ingraio do Rio de Janeiro e em vez de acarinhar os que o festejam, contribue poderosamente para o obituario dos seus fieis. Será para obrigal-os a ter juizo? E' possivel. Quem poderá gabar-se de penetrar ao certo as intenções de um deus essencialmente maluco?!..

Com effeito, não ha alegria moral quando o corpo soffre e elle soffre de uma manejra horrorosa nesses três dias foliões. Fevereiro é um mez inclemente, fatal á saude e ao bem estar. O menor esforço alaga-nos de suor, tornando-nos viscosos, repellindo os contactos, divorciando as epidermes. Uma creatura limpa, habituada á pelle macia e fresca, limpa e civilizada, aos sabões finos e a uma consciencia culta ha de por força sentir-se mal dentro dessa estufa perfumada com essencias equivocas em que milhares de delirios respiram e esbravejam. Nos paizes frios ou temperados, comprehende-se e até se justifica a febre carnavalesca pois a quadra convida ao exercicio muscular, á expansão das energias physicas; e o Carnaval, dentro das meias tintas de um céo benigno **sem** exageros, tem nuanças, destaques, relevos, que o aristocratisam e embellezam. Mas aqui... se realmente Momo é um deus chic eu comprehendo que longe de congratular-se com os seus festeiros se aborreça, enfastie e até revolte.

Tenho uma criada profundamente estupida. Não distingue a mão esquerda da direita. E' incapaz de comprehender uma phrase clara quanto mais a intenção de uma phrase maliciosa!

Desappareceu-me de casa ha três dias. Recolheu-se hoje, quarta-feira de cinzas.

Perguntei-lhe se se tinha divertido.

— Muito!

— Em que?

— Em intrigá os outro!

JACQUES BONHOMME



Dos preparados pharmaceuticos o melhor é paraty. E' o melhor, porque é o mais barato, custa 300 réis a garrafa, afoga maguas e... é gostoso como quê!...

A ALMA...

— Mamãe, nem todas as crianças vão para o paraiso. Outro dia foi para o cemiterio um menino que tinha morrido; o seu papae e as duas irmãzinhas acompanhavam o caixão e choravam tanto que me fazia pena. Iam a chorar; aquelle menino tinha sido máo, não é verdade?

— Não; naturalmente foi sempre bom e sua alma, emquanto choravam suas irmãs, já estava vivendo no paraiso.

— A alma, mamãe! não sei o que é, não comprehendo bem.

— Maria, acabas de me dizer que tiveste pena de ver chorar as duas pequerruchas...

— Tive, sim, mamãe; tive muita pena.

— Ora bem, que é que no teu corpo estava desconsolado e triste? Eram os braços?

— Não, mamãe.

— Eram as orelhas?

— Oh! não, mamãe, era cá dentro.

— Esse lá dentro, Maria, é a tua alma, que se alegra ou se entristece, que te reprehende quando fazes o mal e que está satisfeita quando praticas o bem.

★

— Vais ao enterro de X?

— Não vou.

— Porque? Não era teu amigo?

— Era, mas eu tenho por systema não ir ao enterro senão daquelles que forem ao meu.

S. Lourenço
Caxambú
Araxá
Lambarí
Cambuquira



Toda a família terá horas de sobra para passeio ou repouso nas estâncias balneárias, viajando de avião. Os nossos aviões sobrevoam panoramas encantadores e oferecem o máximo de conforto em viagem aérea.

NACIONAL
TRANSPORTES AÉREOS

Rua Santa Luzia, 686 - B - Tels. 32-7397, 32-7398 e 32-7399

REPORTAGENS DE CARNAVAL

A fim de satisfazer a grande procura de flagrantes carnavalescos, o próximo número da "REVISTA DA SEMANA" será quase inteiramente dedicado à cobertura fotográfica dos festejos de Momo. Carnaval de rua e nos salões, Préstitos e Ranchos, Escolas de Samba, enfim, o leitor poderá ver o que foi realmente o carnaval de 1953.

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● MYRTHES (Minas Gerais)

SONHO: Ia saindo de um hotel nas proximidades da casa onde residem os pais do meu antigo namorado, quando percebi que a mãe dêle me acenava da porta, chamando-me. Ao aproximar-me, ela me levou para dentro, pelo braço, tendo na mão uma revista e dizendo, com grande alegria: — Olhe, Myrthes, recebi notícias de F. por esta revista. Publicaram minha carta e a resposta dêle. Mas estou aborrecida porque êle diz que ainda não arranjou emprêgo. Venha ler. — Surprêsa e emocionada, tomei a revista e constatei que, de fato, havia numa página esta frase em letras bem grandes: — Ao meu querido filho que tanto me ama e a quem amo tanto. — Quando ia começar a leitura da carta, acordei.

INTERPRETAÇÃO: Seu desejo de notícias de seu namorado é tão forte, tão intenso, você o mentaliza de tal maneira positiva que, sendo as letras do alfabeto símbolos com que podemos dizer tudo, a mensagem que, no sonho, você recebe do subconsciente, vem nas páginas de uma revista. E' bem possível que, pelos esforços interiores que tem feito (preces, anseios, desejos, pedidos) você atraia novamente seu noivo ao seu convívio. Sem querer fazer profecias, por não ser do cunho desta seção, parece-me que êle se afastou para procurar uma situação financeira melhor e que voltará para buscá-la, já então como espôsa. Formulo votos para que assim suceda, fazendo você novamente alegre e feliz.

● ZIZA (Rio)

SONHO: Encontrava-me, com algumas pessoas de minha família numa casa campestre, cujo dono era nosso conhecido e onde se realizava uma festa. Em dado momento, um senhor de longas barbas me pediu que executasse ao piano uma composição que, dizia, já me ouvira tocar. Recusei-me porque nunca o tinha visto. Nesse ínterim, fui rodeada por senhoras vestidas à antiga que me cumulavam de atenções e insistiam para que eu tocasse a mesma música. Depois de várias peripécias, encontrei-me no quintal da casa, já em companhia de outras senhoras de menor representação social que, como as primeiras, me faziam muitas zumbaias, querendo vender-me um casebre. (Digo casebre pelo aspecto arruinado da casa que, embora grande, estava imunda e horrìvelmente desconfortável). Mesmo assim eu queria adquiri-la. Ao sair daquele ambiente asqueroso, vi, do lado de fora, uma carroça parada e sem animais que a puxassem, completamente cheia de arreios para montaria. De volta para casa despertei.

INTERPRETAÇÃO: As casas, os apartamentos, os templos, ou quaisquer construções que sirvam de abrigo, têm, em psicanálise, a mesma simbologia: referem-se ao Eu individual. Haja vista a interpretação que certas religiões dão ao Céu (Domus Aurea), significando Casa de Pai. Indo mais longe, ainda, encontramos a expressão Janua Coeli (porta do Céu) para representar os vários caminhos que a Deus conduzem. Se a sabedoria antiga assim se referia à personalidade celeste, é natural que nossos sonhos «camuflem» nossa própria individualidade, representando-a por uma habitação. Dentro de sua alma, Ziza, deve haver motivos de festa, talvez por sua profissão de artista, talvez pela satisfação interna de haver cumprido sua missão de espôsa e de mãe. Em seu sonho há reminiscências de um passado faustoso e feliz (senhoras à antiga que a cumprimentam) e de sonhos e altos castelos que se dissiparam (casa arruinada que deseja comprar) mas que, devido, talvez, à sua boa fibra, nunca chegaram a se desmoronar por completo (cômodos grandes do casebre). E' de lastimar-se que, a par de seu bondoso coração, fôrças destrutivas (casa imunda) procurem empanar sua natural felicidade. Essas fôrças sinistras têm tanto poder que você não procura libertar-se delas. Um sentimento bom existe, entretanto (saída do ambiente asqueroso), mas dêle você não faz uso, deixando-o perder-se (carroça parada), provocando em seu íntimo certo desespêro por sentir-se «cavalgada» pelo destino (arreios de montaria). O destino, Ziza, deve ser nosso escravo e obedecer-nos, e não um senhor a que nos submetamos. E isso só podemos conseguir por uma vontade forte, controlada por sentimento de amor e abnegação.

● CI — (Rio)

SONHO: Vi uma grande fronde entrando pela minha janela. Ao verificar de que se tratava, vi que inúmeras outras povoavam o panorama. Onde quer que pusesse os olhos, via copas verdes e frescas, cheias de fôrça e beleza.

INTERPRETAÇÃO: Você deve saber que as plantas têm três partes distintas: raiz, caule e copa. Por analogia, dizemos que as frondes das árvores representam, no corpo humano, o cérebro, por estar colocada acima do tronco. Êsse elementaríssimo triângulo vem ao caso, tão sòmente para demonstrar à minha amiguinha, que seu cérebro deve estar sempre preocupado com idéias renovadoras que possam fazer reverdecer os ressequidos ideais da Humanidade. Vejo que se interessa por assuntos elevados (copas das árvores), ou, talvez, pela literatura. Se houvesse sonhado com os troncos, a interpretação seria outra, aliás banal e muito divulgada. Ainda bem que você vibra num plano mais alto, onde o amor tem tôdas as nuances e se toca de universalismo. Bravos, pois!

● MOTINHA (Rio)

Muito agradeço as palavras elogiosas a esta seção. Só posso sentir-me feliz por saber que a interpretação que dei a seu sonho «é o retrato fiel de sua vida», como diz. Não tem nada que agradecer. Estou sempre às ordens dos que me procuram.



FOI A MAIOR CATÁSTROFE NO GÊNERO DE QUE HÁ MEMÓRIA ★ A HOLANDA, A BÉLGICA, A FRANÇA E A INGLATERRA SOB O FLAGELO ★ OS ESTADOS UNIDOS PROMETEM SOCORROS ★ REPERCUSSÃO NO RIO ★ BANDOS PRECATÓRIOS VESTIDOS À HOLANDESA ★ E HÁ PRENÚNCIOS DE QUE A DESGRAÇA AINDA VOLTARÁ ★ COM O TREMENDO FURACÃO MILHARES DE FAMÍLIAS FICARAM SEM TETO ★ MILHARES DE VÍTIMAS ★ MILHÕES DE LIBRAS DE PREJUÍZO



EUROPA CASTIGADA



Cenas tomadas em Canning Inglaterra: um salvamento de famílias por bombeiros e soldados e noutra [illegible] quando faziam uma refeição

O FLAGELO DAS ÁGUAS NO VELHO CONTINENTE



Vista aérea da região inundada de Essex, vendo-se o centro urbano de Canvey Island, onde morreram mais de cem pessoas e milhares salvas

Os telegramas publicados em nossa imprensa nos têm dado as mais aterradoras notícias das tempestades de ventos fortes e chuvas torrenciais com o flagelo das marés altas em tôda a região do Mar do Norte, atingindo rudemente a Inglaterra, a Holanda e outros países. O número de mortos, feridos e sem lar sobe a dezenas de milhares. Nestas duas fotos vemos os serviços de salva-vidas das costas de Foulness, vencendo grande lençol de lama após a baixa-mar, recebendo socorridos da catástrofe, e na outra foto, em Hunstanton, Kings Lynn, moradores da povoação arrasada, procurando salvar objetos sob os escombros dos «bungalows» destruídos pela fúria dos elementos desencadeados. E quando tudo já fazia crer que a calamidade estava conjurada, eis que os recentes telegramas que nos chegam da Europa nos dizem que ressurge o mesmo perigo com as próximas marés dos meados dêste mês.



Também a França pagou seu tributo à calamidade que afligiu tantos países da Europa. Aqui vemos como ficou o molhe de Dunquerque.



Em Canvey Island, perto de Southend, turmas de trabalhadores procuram fechar as brechas colocando sacos de areia no molhe avariado.

...E ASSIM NASCEU A CIDADE MARAVILHOSA

AÇÃO ENÉRGICA DE ESTÁCIO DE SÁ ★ ANCHIETA AO SEU LADO ★ CURIOSA MANEIRA DE FUNDAR UMA CIDADE

JONAS CORREIA (da Academia Carioca de Letras)

HÁ um acôrdo evidente nas referências que fazem os historiadores e estudiosos à data de fundação desta cidade: o dia primeiro do mês de março do ano de 1565. Mas... como teria sido fundada esta sebastianópolis? ou estabelecida? ou criada? ou assentada? ou apossada, «como quem entrava em sua terra», segundo Anchieta?

Nenhum escrito se conhece, pelo qual o Capitão-Mor Estácio de Sá declarasse fundada aquela cidade, que, em menos de quatro séculos, se viria a tornar a mais bela e a mais culta do Brasil. Não se lavrou uma ata. Não surgiu um escrivão, para redigir um documento, que atestasse à posteridade o instante inaugural de uma cidade que é, hoje, no mundo, uma verdadeira maravilha. Estácio de Sá agiu, apenas. Sua energia, sua decisão, sua alma, — tudo a serviço do Rei, resolveu apossar Portugal naquele chão, a 1º de março de 1565, «sem querer saber dos Tamoios nem dos Franceses», tanto que «se foi logo a dormir em terra».

E sob suas vistas e ordens — os portuguêses, os índios e os mamelucos «Logo ao dia seguinte, que foi o último de Fevereiro ou primeiro de Março, começaram a roçar em terra com grande fervor e cortar madeira para a cêrca», — conforme diz o Padre Canarino, na sua carta ao Irmão Diogo Mirão. Documento de real valor, essa epístola, de 9 de julho de 1565, é indubitàvelmente a origem em que se informaram quantos versaram o assunto, honra e glória da nossa linda metrópole.

José de Anchieta que foi, a um tempo, santo e guerreiro, — é testemunha e colaborador daquele «homem de valor e prudência», a quem a Rainha Dona Catarina enviara à Bahia, «porque queria que daquela cidade fôsse a uma emprêsa de seu serviço». Qual seja ela diz-nos Simão de Vasconcelos, cuja obra é «fonte para a história geral do Brasil», como observa o insigne Serafim Leite, S. I.: «... parecia boa ocasião de meter gente nossa no Rio de Janeiro, senhorear a terra, lançar de todo fora o francês, e começar a povoar naquela parte». Estácio de Sá entrou de dar cumprimento à sua missão, que «não era guerrear, senão fundar uma colônia», e a vinte de janeiro de 1565 partiu de São Vicente, trazendo em sua companhia dois padres — Gonçalo de Oliveira e José de Anchieta, para animar e dirigir os mestiços e índios, de vez que se expressavam «em uma e outra língua, em que eram peritos».

De Anchieta, a fé parece haver-se transfundido no espírito do sobrinho do Governador Mem de Sá, quando realizou o ato que imortalizaria seu nome, — a fundação da Cidade do Rio de Janeiro. E' a Estácio de Sá que se refere o próprio Jesuíta assim: «... e se não fôsse o Capitão-Mor amigo de Deus e afável, que nunca descansa de noite e de dia, acudindo a uns e a outros, sendo o primeiro nos trabalhos...». A êsse homem do século XVI reservou Deus a glória de haver «feito pé no Rio de Janeiro», que estava precisando dos socorros do Rei — , D. Sebastião era um menino... —, para defender-se do assédio dos franceses e tamoios, e, dessa forma, resguardar-se para a Coroa. E' o que se lê, na pinturesca expressão de Anchieta, em sua célebre Carta, (a que a anotação 357, de Antônio de Alcântara Machado, respiga, eruditamente, de Capistrano de Abreu: «alguns fatos a que êle, Anchieta, estêve presente, e que vêm referidos, e outros que **só conhecemos** por suas cartas, como a fundação do Rio de Janeiro»...). E que escreveu Êle, então? Escreveu assim, ao terminar a «breve informação», dirigida ao Reverendíssimo Padre Diogo Mirão: «a cêrca que tem feita não é mais que um pé a tomar posse da terra, sem se poder dilatar nem sair dela sem socorro de Sua Alteza, a quem Vossa Reverendíssima deve lembrar e incitar que logo proveja, porque, ainda que é cousa pequena a que se tem feito, contudo é maior, e **basta-lhe chamar-se Cidade de São Sebastião** para ser favorecida do Senhor, e merecimentos do glorioso mártir; e acrescentada de Sua Alteza que lhe tem tanta devoção e obrigação.»!

E lá está o Santo, com pouco mais de trinta anos de idade, ao lado do intrépido Capitão-Mor, assistindo aos trabalhos iniciais da posse efetiva do solo, em nome do Rei e de Deus, sob o patrocínio de São Sebastião, cujo martírio tem tornado mais refulgente a sua divindade. E' bom frisar que, dezenove anos depois, o Apóstolo admirável redigiria a importante «Informação do Brasil e de Suas Capitanias — 1584», em que confirma, êle — testemunha ocular e partícipe do acontecimento — : «... e **no princípio de Março** (Estácio de Sá) tomou logo terra ao longo do pôrto, que chamam Pão de Açúcar, na entrada da barra, e fêz casas de madeira e cêrca, onde se recolheu com parte da gente...»

Ora, Estácio de Sá não se limitou a iniciativas de caráter militar, ou doméstico. Foi muito além —, estabelecendo, criando, assentando a cidade, naquela povoação. Havia nêle, é certo, um estadista em embrião, — não pertencesse à raça dos lusos... E, assim, cuidou de inaugurar a administração, designando e nomeando o Juiz, o Alcaide-Mor, o Provedor da Fazenda Real, o Escrivão das Sesmarias.

Revelava-se Estácio de Sá, depois de 1º de março de 1565, dono de uma autoridade singular, nestas paragens brasílicas: superintendia, na urbe que fundara, datando seus atos de govêrno — da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro! Fundador e defensor da cidade que fizera sua, lá no recesso da Fortaleza de São João, e onde, hoje em dia funcionam, também, o 2º Grupo de Artilharia de Costa, a Escola Superior de Guerra, a Escola de Artilharia de Costa e a Escola de Educação Física do Exército, — Estácio de Sá legou-nos uma prova única, que autenticaria o seu ato de fundação: é a fala que dirigiu à sua infantaria, após «fortificar-se com trincheiras e fossos».

Em Simão de Vasconcelos, que biografou, em meados do século XVII, o Venerável Padre José de Anchieta, encontra-se essa alocução. E o que ali está é uma coisa extremamente curiosa, pois é a palavra de um Capitão a seus soldados, dizendo-lhes, inflamado, categórico e viril: «Soldados companheiros, poucas palavras bastam a ânimos resolutos. — Desta estância não há já fazer pé atrás. Por um lado nos cercam êstes penedos, por outro as águas do oceano; pela mão direita e esquerda nossos contrários: Se dêste cêrco houvermos de sair, é fôrça que seja rompendo inimigos. — Acabe-se de uma vez esta praga, tirem-se de assombro os moradores, livre-se a terra, **levantemos nela cidade, e fique esta por memória de nossa resolução e trabalhos...»**

Assim arengou, imperativo, o jovem Capitão-Mor Estácio de Sá a seus infantes. Estava fundada a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. E era o dia 1º de março de 1565!



FUNDAÇÃO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (Francisco Aquarone)

MAIS DE DUZENTOS MIL CRUZEIROS DE PRÊMIOS

O ÁLBUM-REVISTA DA SEMANA não oferece apenas grande número de prêmios de grande utilidade para as famílias, desde aparelho de televisão a uma centena de objetos imprescindíveis a qualquer lar.

O ÁLBUM-REVISTA DA SEMANA se recomenda como publicação que vem mostrar o que o nosso país possui de mais belo e digno de ser visto, robustecendo a confiança que devemos ter em nosso futuro, para que continuemos a obra construtiva dos antepassados; é o maior repositório de informações turísticas até hoje oferecidas ao nosso povo, proporcionando a todos, homens, mulheres e crianças, viagens pelo Brasil sem o menor esfôrço.

O ÁLBUM-REVISTA DA SEMANA estará em tôdas as bancas do Rio, capitais dos Estados e cidades do interior do país, levando ao nosso povo a mais eficiente contribuição para sua cultura, seu progresso espiritual e patriotismo; é o companheiro agradável dos estudantes de tôdas as classes, a distração de todos, o guia que ENSINA, EDUCA, INSTRUI, DIVERTE, E DÁ BELÍSSSIMOS PRÊMIOS! LEIAM AS INSTRUÇÕES E ESCLARECIMENTOS CONTIDOS NO MESMO.

•

O maravilhoso ÁLBUM-REVISTA DA SEMANA é uma enciclopédia de viagens pelo Brasil, indispensável a todos que desejam aumentar a cultura geral e conhecer as belezas de nossa terra, seus grandes homens, obras de arte, folclore, sua geografia e história. No próximo número encontrará o leitor **os postais coloridos** que, depois de recortados, deverão ser colados nos espaços do ÁLBUM com numeração idêntica.

Liam as instruções contidas no ÁLBUM, coloquem os postais e completem a primeira VIAGEM TURÍSTICA até junho, habilitando-se ao primeiro sorteio.

•



Edição da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15. Em combinação com a BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. Rua Visconde de Inhaúma, 134 ★ Rio de Janeiro





O ABRAÇO DAS RAINHAS — Têrça-feira, dez de fevereiro dêste agitado começo de 1953, foi coroada a Rainha do Rádio de 1953, Emilinha Borba, com 691 515 votos. As imediatamente mais votadas foram: Ângela Maria, 216 492; Rogéria, 188 488; Haydée Miranda, 122 770 e Marly Sorel, 113 093, que passaram a ser princesas. O mais sensacional acontecimento da semana foi, incontestàvelmente, êsse, agitando todos os lares do Rio, numa afluência de um milhão e meio de votos! Aqui vemos S. M. a Rainha Mary Gonçalves, 1952, abraçando Emilinha Borba, sua sucessora no trono para 1953. Abraço efusivo e sincero. (Reportagem nas páginas 47, 48, 49.)





QUANDO da estada, na nossa capital, do dr. Hernán Siles Zuazo, vice-presidente da Bolívia, o Jockey Club Brasileiro prestou-lhe expressiva homenagem que constou de um almôço no Salão das Rosas do Hipódromo da Gávea, e de esplêndido programa de corridas, tendo cada páreo o nome de uma instituição, ou de um grande homem, imortalizados na história de sua pátria ou mesmo da América como seja Simão Bolivar, figura ímpar de soldado e estadista. No almôço, tomaram parte tôda a comitiva do homenageado, o embaixador Salamanca da Bolívia, diretores do Jockey Club e grandes personalidades brasileiras. Ao «champagne» o dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey, produziu belíssimo discurso de saudação, ao qual respondeu o homenageado também com bela peça oratória.

O JOCKEY CLUB AO VICE-PRESIDENTE DA BOLÍVIA



No alto da página: À esquerda, o presidente do Jockey Club saudando o titular boliviano. À direita, os srs. Hernán Siles Zuazo e Mário Ribeiro trocam brindes. Vê-se, na foto, o deputado Nereu Ramos. Em baixo: Após o banquete, é servido o café na Tribuna de Honra do Hipódromo.



Ei-la que surge, braços abertos sôbre o largo peito, ouvindo o eco festivo do povo que cantarola sua música predileta...



Em trajes íntimos, quando só pode ser assistida por outra dama, a Rainha...

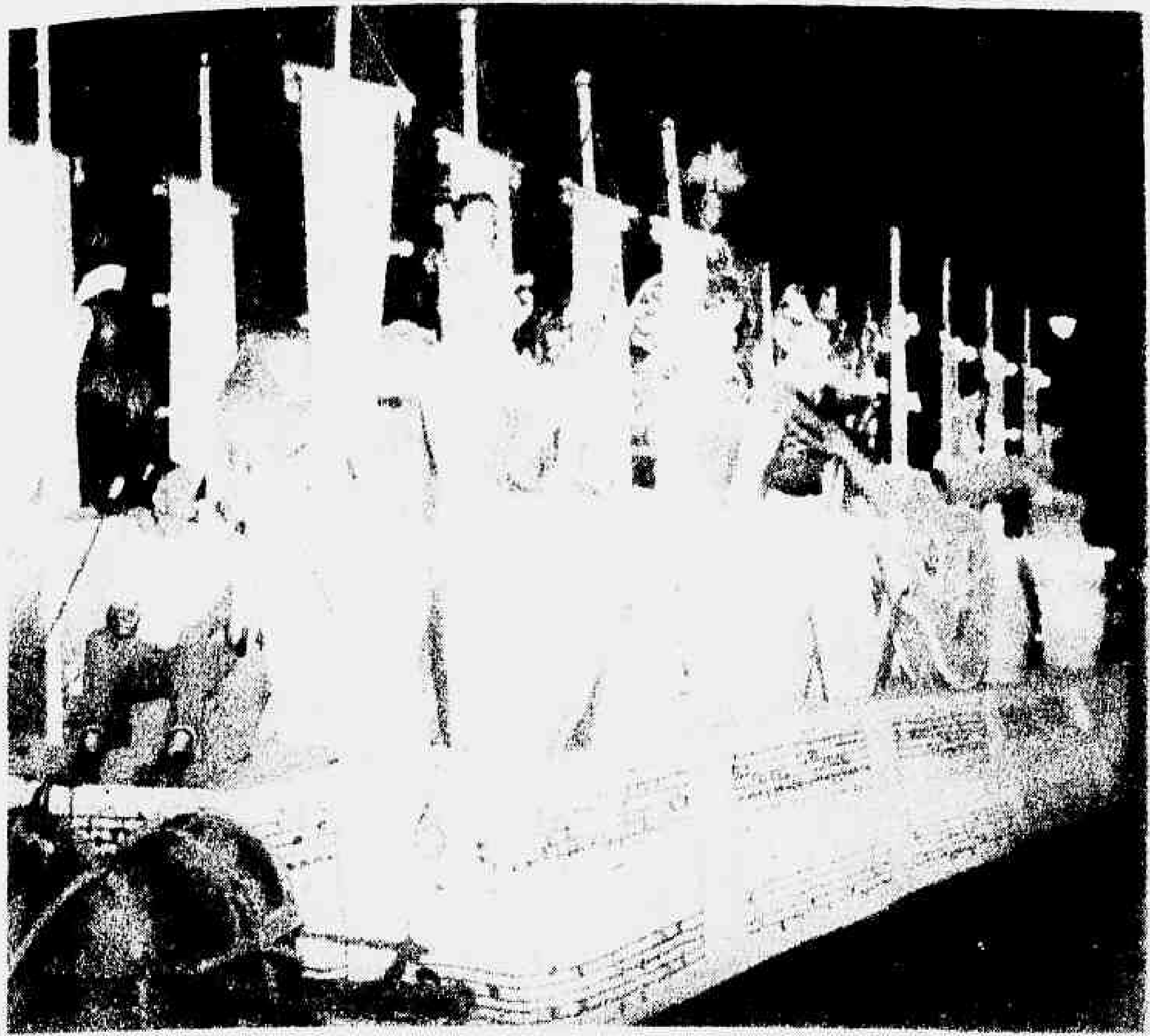
REINAÇÃO DA RAINHA MOMA

130 QUILOS DE ALEGRIA PARA GASTAR EM TRÊS DIAS ★ TUDO AZUL COM O BOLA PRETA ★ UMA PRINCESA COM BIGODES ★ MUITA LUZ APESAR DO PARAÍBA SER DO CONTRA

DESEMBARCOU no cais do pôrto com armas e bagagens a turista nacional por excelência, Sua Majestade a Rainha Moma, Frederica Coração de Leão. Veio com carros alegóricos iluminados à profusão no seu trono real acompanhada de boas damas de companhia e uma Princesa com vasta bigodeira lusitana. Evohé!

Uma das preocupações da Rainha Moma é passar os dias da folia longe de seu augusto marido, o Rei Momo Primeiro e Único. Sua máxima preocupação é não ter preocupação nenhuma, dançar, batucar, remexer sua enxúndia à sombra das bananeiras, debaixo dos laranjais.

O povo carioca, famoso pelo seu bom-humor e pouca bóia, estava na Avenida, lugar perfeito para receber qualquer rainha. As cariocas, que em vista do calor senegalesco e a filosofia de Jean Paul-Sartre



Violões e barris (de chope?) as boas damas da Rainha saúdam o povo fiel.



A Rainha Moma, Coração de Leoa, com muita banha e roupa, felicíssima.

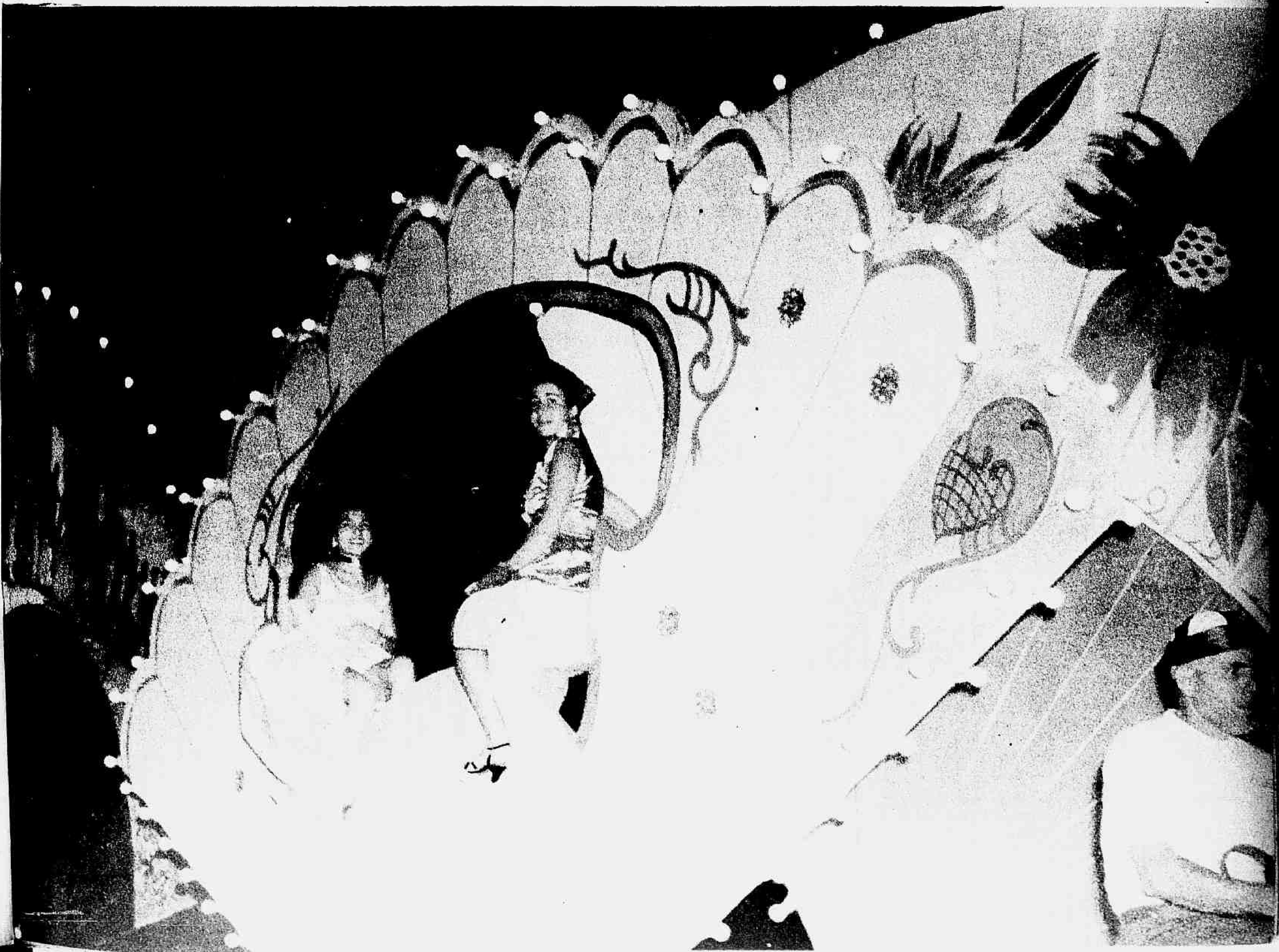
resolveram abolir a roupa e a fantasia e reduzir tudo ao «bikini», como sinal dos tempos, também compareceram com pandeiros, guisos, cuícas, e com os tamancos bateram furiosamente no asfalto meio mole.

A Rainha Moma estava impossível. Sorrisos largos, gestos generosos, equilíbrio perfeito da coroa, apesar dos salamaleques que a etiquêta obriga.

Nas portas do Bola Preta foi recebida com as honras devidas. Confete, lança-perfume, serpentinas, vivas e outros parangolés.

Com cetro em punho está comandando a farra, sem nenhuma reserva. Os fotógrafos internacionais não têm descanso. Sua Majestade vem sendo fuzilada pelos «flashes» ininterruptamente, sua dama de companhia mal tem tempo de limpar os bigodes entre um chope e outro, para abrir alas aos fãs que a procuram para ver se resolvem o seu caso. Um decreto foi assinado logo na primeira audiência: obriga todo o povo a dançar, cantar até cair no chão, o que acontecerá na certa, quarta-feira.

Esta enorme ventarola é um augúrio que a Rainha traz para a cidade. Enquanto não refresca pelas brisas marinhas, vamos levando a coisa com leque.



PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 43

A	Aquêle que monta cavalos de corrida →	13	86	45	68	100	139		
B	Empreender; cometer; ver com atenção →	122	4	49	134	78	36	105	
C	Abalo; impressionado; enternecido →	29	79	115	136	37	62	52	168
D	Lacuna; falta →	58	35	5	11	72	135	155	
E	Mata; selva; grande arvoredo →	126	14	162	54	89	109	143	
F	Situação difícil; embaraço →	171	101	124	38	59	87	10	
G	Cobrir ou guarnecer de níquel →	6	92	67	55	71	146	128	
H	Encontrarão →	19	41	173	63	121	154	140	
I	Em todo o tempo; constantemente →	60	12	39	102	141	94		
J	Instante; circunstância →	93	107	137	27	50	88	125	
K	Audaz; atrevida →	33	76	152	104	9	138		
L	Que tem ufania; ufano →	164	32	95	150	65	132	111	20
M	Soberana de um reino →	34	106	77	159	7	174		
N	Protegem; dão amparo →	47	90	21	169	66	130	148	
O	Despedassasse; rasgasse; partisse →	108	3	75	144	142	15	48	161
P	Brazão; amparo; defesa (pl.) →	114	28	80	61	160	97	131	
Q	Morubixaba →	96	8	85	116	163	46	149	
R	Mandam; determinam →	118	127	113	40	16	158	170	
S	Demoram; atrasam →	157	145	167	51	23	73	84	117
T	Despojarão de cargo; declararão em juizo →	70	81	57	30	112	2	44	
U	Infausto; de mau agouro →	53	129	22	165	156	147		
V	Centuplicado →	25	17	166	99	119	64	103	83
W	O dia anterior →	26	98	120	74	18			
X	Compreendo; creio →	56	31	153	91	172	110	42	
Y	Espalhando sementes →	123	69	43	133	24	1	82	151

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

Y 1	T 2	O 3	■	B 4	D 5	G 6	M 7	Q 8	■	K 9	F 10	D 11	I 12
A 13	E 14	O 15	■	R 16	V 17	W 18	■	H 19	L 20	N 21	U 22	S 23	Y 24
V 25	W 26	J 27	P 28	■	C 29	T 30	X 31	L 32	K 33	M 34	D 35	B 36	C 37
F 38	■	I 39	R 40	■	H 41	X 42	Y 43	■	T 44	■	A 45	Q 46	N 47
O 48	B 49	■	J 50	S 51	C 52	U 53	■	E 54	G 55	X 56	■	T 57	D 58
F 59	I 60	P 61	C 62	H 63	■	V 64	L 65	N 66	G 67	A 68	Y 69	■	T 70
G 71	D 72	S 73	W 74	■	O 75	K 76	M 77	B 78	C 79	■	P 80	T 81	Y 82
V 83	■	S 84	Q 85	A 86	F 87	J 88	E 89	N 90	X 91	G 92	■	J 93	I 94
■	L 95	■	Q 96	P 97	W 98	Y 99	A 100	F 101	I 102	V 103	K 104	B 105	■
M 106	J 107	■	O 108	E 109	X 110	L 111	T 112	■	R 113	P 114	■	C 115	Q 116
S 117	■	R 118	V 119	W 120	H 121	B 122	Y 123	■	F 124	J 125	E 126	R 127	G 128
U 129	N 130	P 131	■	L 132	Y 133	B 134	D 135	C 136	■	J 137	K 138	A 139	H 140
I 141	O 142	E 143	■	O 144	S 145	G 146	U 147	■	N 148	Q 149	L 150	Y 151	K 152
■	X 153	H 154	D 155	■	U 156	S 157	R 158	M 159	P 160	O 161	E 162	■	Q 163
L 164	U 165	V 166	S 167	C 168	■	N 169	■	R 170	F 171	X 172	H 173	M 174	■

Otaner - Rio

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 42 — COLOMBIER. HISTÓRIA DA ARTE. "Torna-se hoje evidente que o cubismo foi, na história da pintura, um episódio breve e, em fim de contas, um fracasso. Êle empobreceu terrivelmente a pintura..."

OS SEGREDOS DA ALMA

À LUZ DA PSICANÁLISE

DR. LUIZ FRAGA

DUAS cartas dentre as muitas que recebemos, mereceram a nossa maior atenção. Uma de D. Maura, oriunda de São Paulo, falando sôbre o estado de saúde de sua filhinha Dóris. Respondemos diretamente, dando os conselhos que o caso requer. A outra é de Marly, estudante do Instituto de Educação — D.F. A futura professôra deseja saber algo de básico sôbre sensibilidade. Êste é um assunto que faz parte de meu curso de Higiene Mental. Você, se quiser, poderá procurar as súmulas de minhas aulas. Entretanto, usando o espaço de que disponho nesta página, direi algo que, aliás, não constituirá novidade:

E' uma das funções do sistema nervoso. Por ela o organismo adquire conhecimento das modificações do meio que o cerca, de sua própria atividade e dos efeitos da atividade, permitindo-lhe ao mesmo tempo proteger-se dos fatôres nocivos que possam prejudicá-lo. E' uma função que tem sua expressão mais primitiva na simples irritabilidade dos organismos celulares, todavia, à medida que se ascende na escala zoológica constitui-se um aparelho, cada vez mais complexo, para assegurá-la. As modificações do meio ambiente, ou do próprio organismo, nos organismos superiores, são fontes de estímulo de natureza muito variada que, impressionando órgãos receptores distintos, chegam a centros que lhe permitem o reconhecimento e a discriminação. O estímulo, ao impressionar um órgão receptor, dá lugar ao fenômeno denominado sensação, graças ao qual o organismo «conhece».

A representação e a percepção, que são funções psíquicas, permitem relacionar a sensação com outras anteriores, localizando-as e objetivando-as ou evocando-as, sem que a sensação tenha lugar novamente. Nem sempre, porém, o organismo «conhece», isto é, tem consciência dos estímulos que atuam sôbre êle, de forma clara, mas há grande quantidade de estímulos capazes de provocar reações orgânicas, sem chegarem à consciência ou, chegando a esta de forma muito imprecisa. A isto se chama sensibilidade não consciente que é, em grande parte, a geradora das reações reflexas, por oposição à sensibilidade especial ou sensorial constituída pelas sensações. Segundo o ponto de aplicação dos estímulos e a natureza dos mesmos, conhecemos várias sensibilidades elementares: **a)** — Sensibilidade da pele ou sensibilidade superficial consciente; **b)** — Sensibilidade muscular e óssea ou sensibilidade profunda consciente; **c)** — Sentido da vista, do ouvido, do equilíbrio, do gôsto e do olfato.

A sensibilidade visceral é de tipo doloroso, traduzindo-se sobretudo ao nível de certos órgãos: seios, traquéia, globos oculares, etc. A compressão dêstes órgãos desperta dor. Tôdas as nossas afeições terrestres são inspiradas pelo prazer; o amor maternal é o único que nasce do sofrimento. «— Imaginai, diz Plutarco, as sensações da mulher, nos primeiros dias do mundo quando, depois das dores do parto, viu o seu recém-nascido na terra, manchado de sangue, e mais semelhante a um animal, do que a uma criatura viva: sem dúvida que o olhou, como um animal, de que a natureza acabava de a livrar; nenhum encanto visível a atraía para êle; o seu coração não se agitava com o atrativo das formas, nem com o agrado da voz, e, todavia, ainda banhada no suor dos seus sofrimentos, trêmula pelas angústias dos seus trabalhos, lava-o, acaricia-o, toma-o nos braços, envolve-o nos seus vestidos, e aproxima-o do seio, de dia e de noite, recomeçando continuamente um trabalho que a não cansa; e, em recompensa de tantos sacrifícios, só colhendo lágrimas e gemidos...

C U P Ã O

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Estado civil .... Profissão ....

Residência ....

ARABELLE a última sereia



Mal os jornalistas começaram a tarefa, Arabelle escapou e desapareceu como por encanto, não podendo ser possível a reportagem entrevistá-la.



Jacques Pommier acerta com o comandante sôbre os detidos. O «Cruzeiro do Sul» partiria dentro de três dias e êle teria folga em terra



Bimbleton explica a Pommier a fuga de Arabelle. Mas que não se preocupasse. Êle muito a conhecia. Deveriam voltar ao hotel, onde êle estaria.



Mas Mr. Bimbleton continuava a esperar a volta de sua Sereia. E ela não aparecia. Talvez que a sinceridade de «Flor-Azul» o auxiliasse.



Bimbleton está cada vez mais nervoso com a ausência de Arabelle. Por sua vez ela andava acima e abaixo, até que, cansada, sentou-se num banco



Ela estava exausta. «Flor-Azul» lhe diz que ela não pode continuar assim, e que ela deve voltar logo ao hotel, onde estão à sua espera.



Mas Arabelle não quer mais reunir-se a Bimbleton e se nega a voltar ao hotel. Ela está disposta a viver sua vida de absoluta liberdade.



Arabelle procura sua bôlsa com valores e não acha. Perdera! «Flor-Azul» procura acalmá-la e pede que ela o espere ali mesmo. E saiu



«Flor-Azul» teve uma idéia e foi procurar alguma coisa que pudesse distrair Arabelle, que estava desolada com a perda de sua bôlsa.



«Flor-Azul» vê um pouco mais adiante um grande circo em função. Atraído pela barulheira que ali havia, se encaminha para lá, curiosamente.



Chegando perto do circo «Flor-Azul» fica emocionado pela música ali executada e, rompendo a multidão, vai até perto de um homem fardado.



— Quero que o senhor me leve à presença do diretor do circo — diz êle àquele funcionario — Tenho importante proposta a fazer ao chefão.



«Flor-Azul» é imediatamente introduzido no gabinete do proprietário do circo e ali começa então a expor o que tinha a apresentar ao circo.



— Eu posso proporcionar-lhe, disse «Flor-Azul», a maior atração que há no mundo, coisa nunca vista. Posso vender êsse número. — Tudo ia bem.



«Flor-Azul» estava entusiasmado com a sua idéia, a ponto de já parecer o dono do circo. O outro estava aturdido, mas o ouvia. E sua admiração ainda mais cresceu quando lhe disse «Flor-Azul» que número era o de «Arabelle, a última sereia» Valia dez milhões por semana, no baratinho.

História de VANIA LAUREZ **Desenhos de JEAN ACHE**





Ao alto — Aspecto festivo das ruas de Curitiba à chegada do Presidente da República, sr. Getúlio Vargas. Ao centro — Recebido pelo governador Munhoz da Rocha no aeroporto local.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA NO PARANÁ

RECEBIDO CARINHOSAMENTE PELO GOVÊRNO E PELO POVO ★ A PARADA ★ BANQUETE NO COUNTRY CLUB ★ IMPORTANTES INAUGURAÇÕES NA RÊDE DE VIAÇÃO PARANÁ - STA. CATARINA. ★ VISITA À CASA DO EXPEDICIONÁRIO.

ATRAVÉS de manifestações cívicas imponentes, o govêrno e o povo paranaense receberam, no dia 24 de janeiro último, a visita do Presidente da República, sr. Getúlio Vargas, que ali foi em caráter oficial acompanhado dos ministros da Fazenda e da Viação, srs. Horácio Láfer e Souza Lima. Desde a sua chegada, no Aeroporto Afonso Pena, foi o primeiro mandatário da Nação alvo de uma entusiástica acolhida, que se prolongou durante tôda a permanência em Curitiba, do ilustre visitante. A Capital do Paraná viveu horas de intensa vibração, que tiveram seu ponto culminante quando o cortejo presidencial penetrou no coração da cidade, em demanda do palanque armado na Praça João Pessoa. Recebido calorosamente pelo povo postado ao longo das ruas, S. Excia. presenciou, então, um magnífico desfile militar em sua honra, do qual participaram unidades do Exército, da Aeronáutica, da Polícia Militar do Estado e do Corpo de Bombeiros. Em seguida, teve lugar no Country Club um grandioso banquete em homenagem ao Presidente da República e sua comitiva, no qual usaram da palavra, proferindo notáveis peças oratórias, o governador do Estado, sr. Bento Munhoz da Rocha Neto, e o sr. Getúlio Vargas, ambos demoradamente aplaudidos. Findo o ágape, o chefe do Govêrno Brasileiro dirigiu-se à estação da Rêde





O governador Munhoz da Rocha lê o importante discurso que pronunciou no banquete em honra do sr. Getúlio Vargas, no Country Club.

À esquerda: Encantado com a carinhosa acolhida que teve em terras paranaenses, o sr. Getúlio Vargas mostrou-se alegre e bem-humorado.





O governador Munhoz da Rocha mostra ao Presidente Getúlio Vargas a maquette do Centro Cívico, que despertou vivo interêsse ao Chefe da Nação. O monumental conjunto arquitetônico, arrojada realização do atual govêrno paranaense, estará parcialmente concluído já no fim dêste ano.



No banquete do Country, o presidente Getúlio Vargas pronunciou notável discurso, no qual exaltou a obra do atual govêrno paranaense.



O casal Munhoz da Rocha ofereceu ao senhor Getúlio Vargas um jantar íntimo. A fotografia à direita mostra o ilustre hóspede ao lado da primeira dama do Estado do Paraná.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA



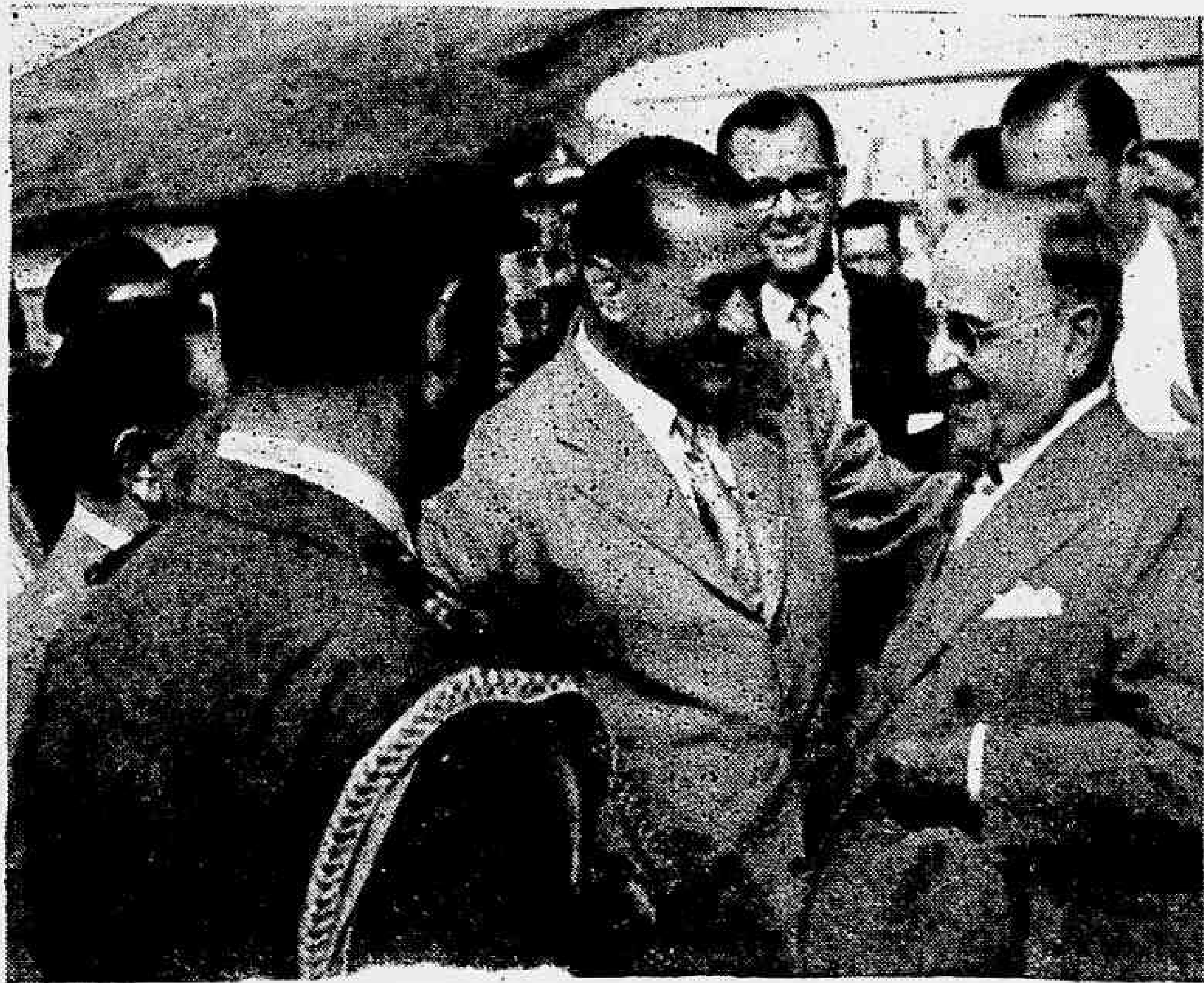
Imponente parada militar foi realizada em homenagem ao Chefe da Nação, da qual a gravura que publicamos fixou êsse aspecto, quando desfilava a Fôrça Pública do Estado do Paraná.



de Viação Paraná-Santa Catarina, onde deu início à inauguração de importantes obras, às quais nos referimos mais adiante. Ainda compareceu S. Excia à Casa do Expedicionário do Paraná, que visitou demoradamente, apreciando a grande iniciativa dos paranaenses destinada a amparar os seus combatentes e suas famílias, única realização no gênero existente no Brasil.

A visita do Chefe da Nação ao Paraná constituiu um acontecimento de excepcional relêvo na vida do grande Estado sulino. Sua Excelência teve, na acolhida generosa que lhe dispensaram o povo paranaense e seu govêrno, uma confortante demonstração de apoio e confiança, sincera e espontânea. E tomando contato com os problemas vitais do Paraná, pôde também aquilatar do empenho com que o governador Munhoz da Rocha se dedica às suas soluções. E tão entusiasmado ficou o sr. Getúlio Vargas que, ao despedir-se do primeiro magistrado do Paraná, teve estas palavras textuais: «Até dezembro, meu governador, se eu não voltar antes».

À esquerda — O Presidente da República, sr. Getúlio Vargas, ladeado pelo general José D. Fabrício e pelo governador do Paraná, sr. Munhoz da Rocha, assiste ao desfile militar.



No seu regresso, o sr. Getulio Vargas despede-se do sr. Munhoz da Rocha, ao qual disse: «Até dezembro, meu governador, se eu não voltar antes.»

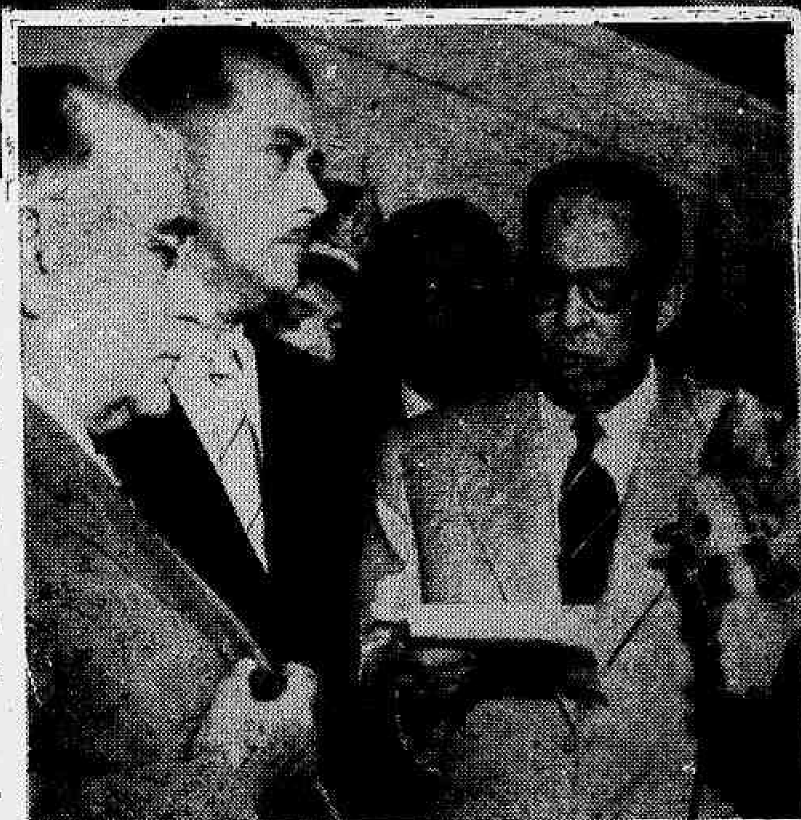


Na Casa do Expedicionário Paranaense, o Presidente da República ouve detalhada exposição sôbre essa grande instituição, única no Brasil.

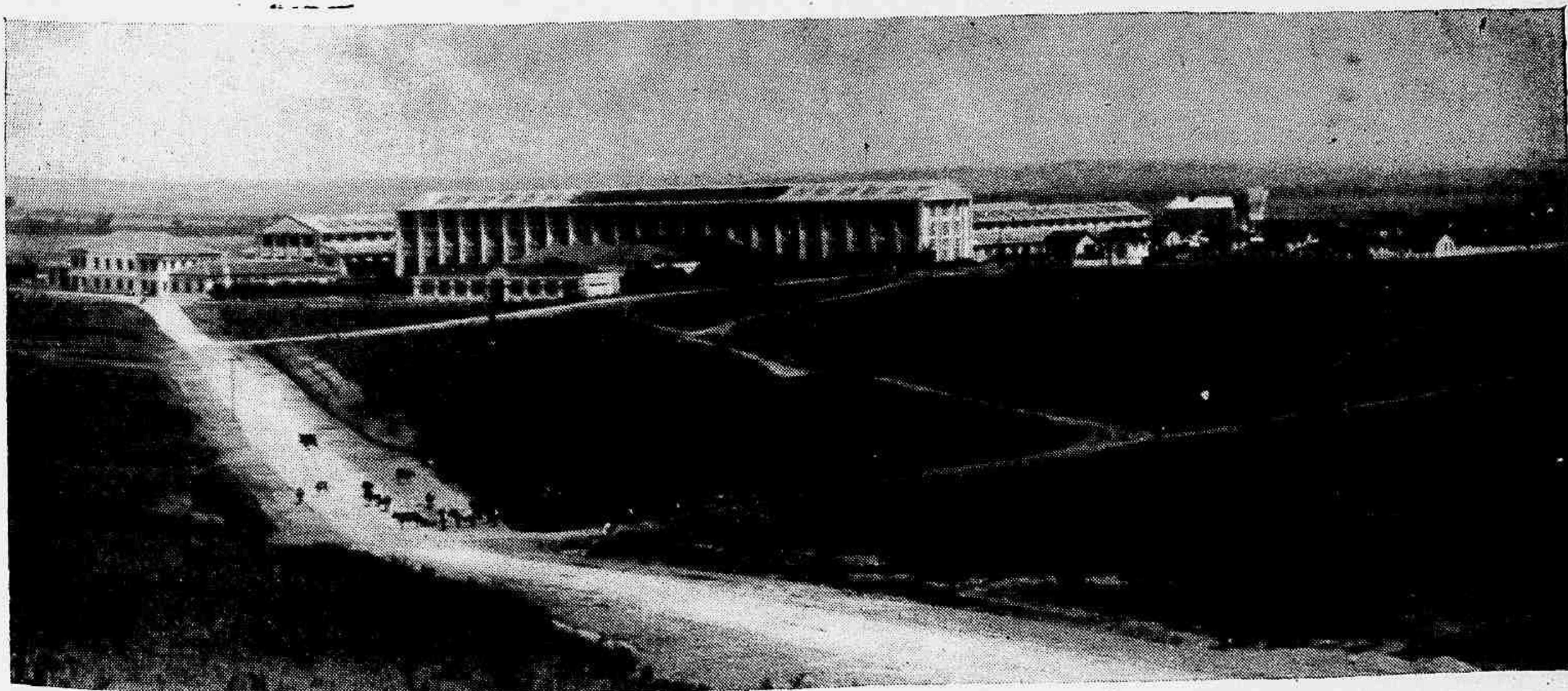


Trecho da linha eletrificada da Rêde de Viação Paraná-Santa Catarina, cuja inauguração foi procedida pelo Presidente da República, sr. Getúlio Vargas, a vinte e quatro de Janeiro.

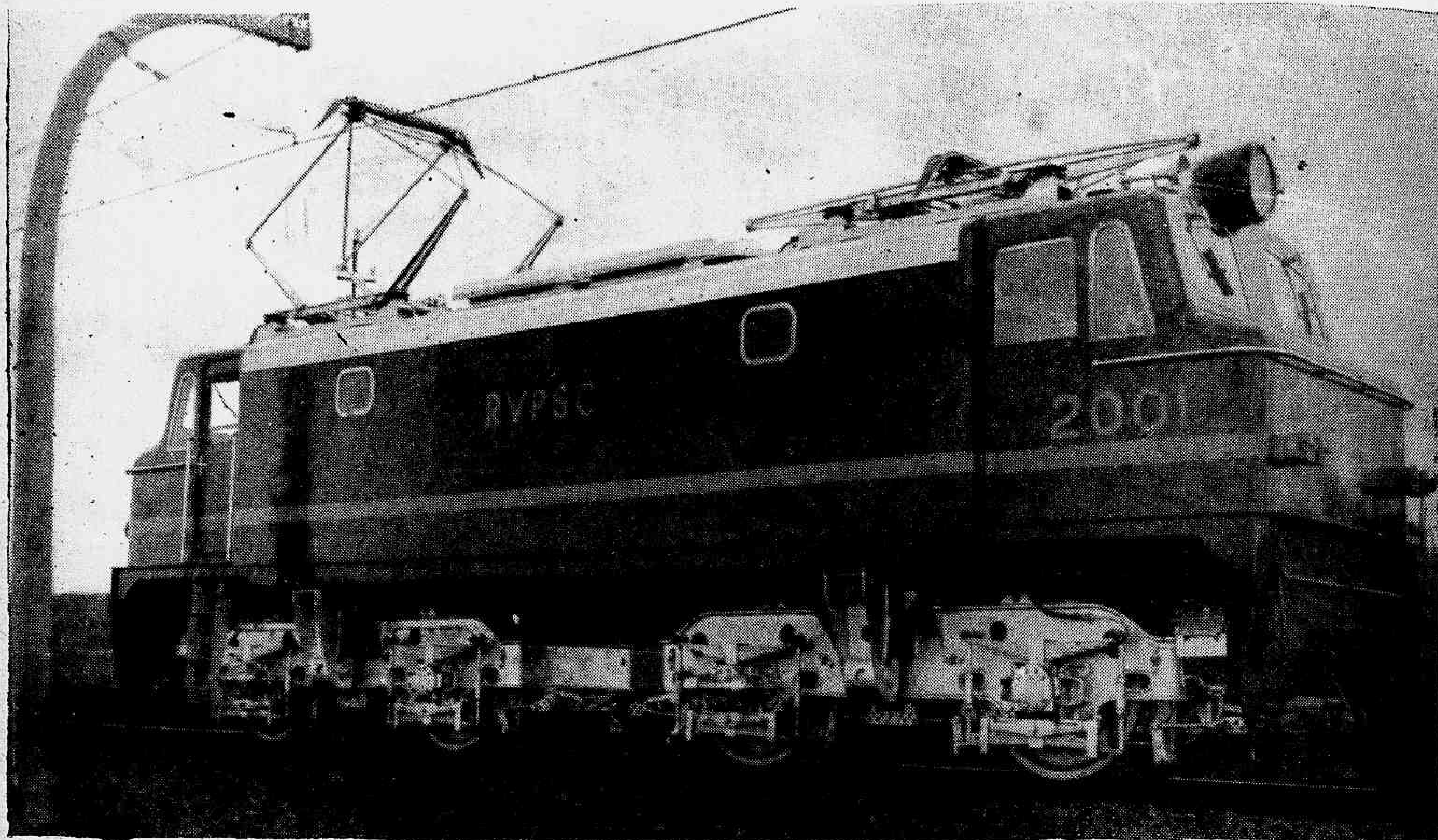
Focalizamos diversos aspectos da viagem do Sr. Presidente da República ao Paraná, onde estêve no dia 24 dêste mês, quando inaugurou obras e serviços da Rêde de Viação Paraná-Santa Catarina. Muitas foram as homenagens recebidas por S. Excia. na Capital daquele Estado, destacando-se a dos ferroviários de Curitiba, traduzida no discurso pronunciado pelo engenheiro Raul de Mesquita, diretor da Rêde, ao saudar S. Excia. na plataforma da estação, por ocasião da partida do trem inaugural do primeiro trecho eletrificado na linha Curitiba-Paranaguá, fato êsse que ficou consignado em um bronze colocado nessa estação e em uma medalha de ouro oferecida pelos ferroviários ao Presidente.



À direita — O engenheiro Raul Zenha de Mesquita, diretor da Rêde de Viação Paraná-Santa Catarina, discursando no ato inaugural da eletrificação daquela importante ferrovia.



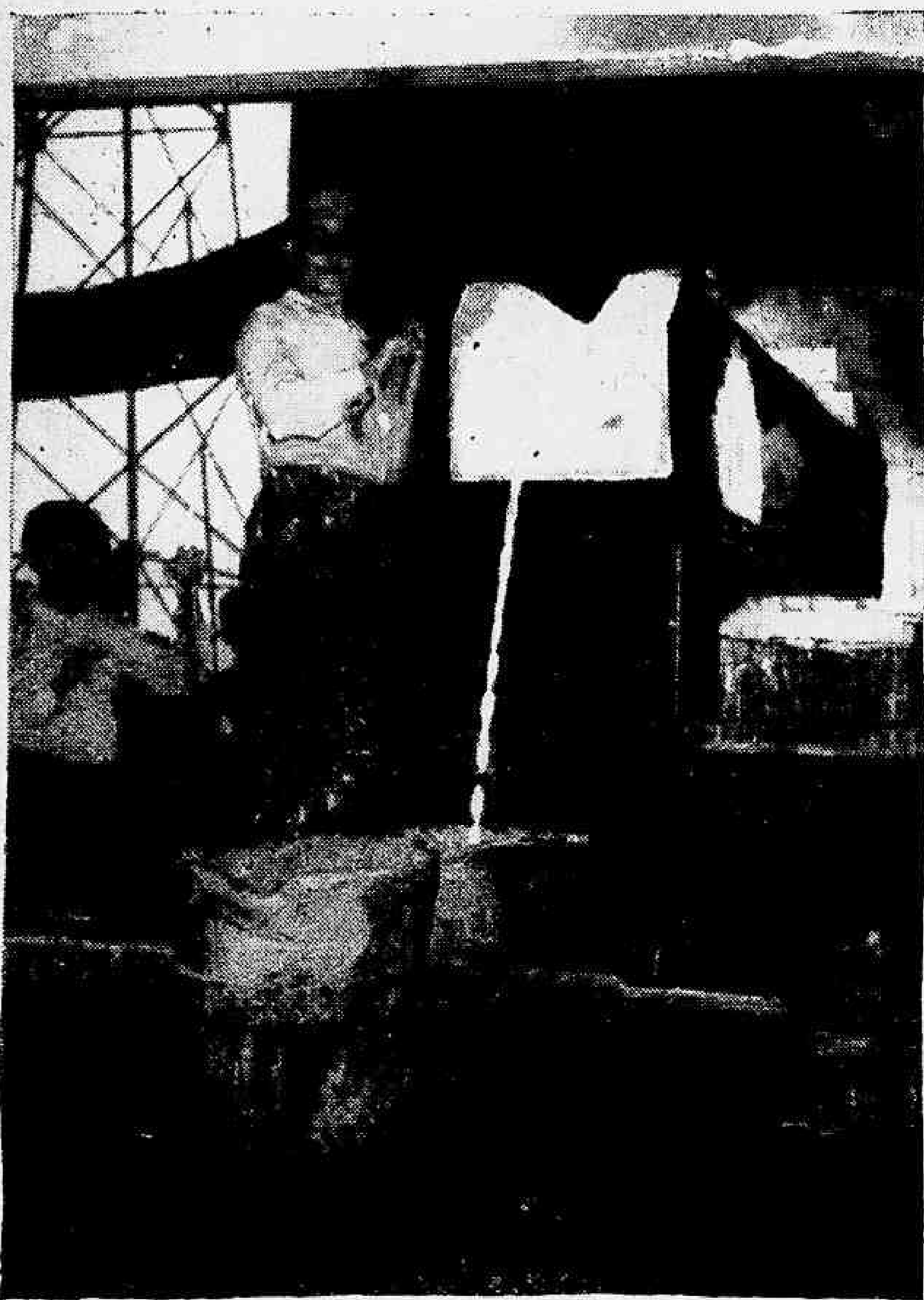
A fotografia abrange o conjunto das novas oficinas da Rêde de Viação Paraná-Santa Catarina, em Curitiba, de inestimável valor para a ferrovia.



Possante locomotiva elétrica das que foram postas em uso no trecho eletrificado da Rêde de Viação Paraná-Santa Catarina, recém-inaugurado.

Após a viagem, teve o Presidente ocasião de inaugurar diversas seções das novas e modernas oficinas de locomotivas nas proximidades de Curitiba, inclusive a estação diesel-elétrica, abastecedor de energia não só aos trens elétricos como às oficinas que entraram em funcionamento. Os edifícios das oficinas, com uma superfície de piso superior a 30 mil metros quadrados, custaram Cr$ 31.000.000,00, achando-se já adquiridas máquinas no valor de 24 milhões e 500 mil cruzeiros, grande parte em funcionamento. No seu regresso das novas oficinas, pôde S. Excia. ver os edifícios do grande Hospital que a Rêde está construindo, com a capacidade para 100 leitos, destinado aos seus empregados e famílias.

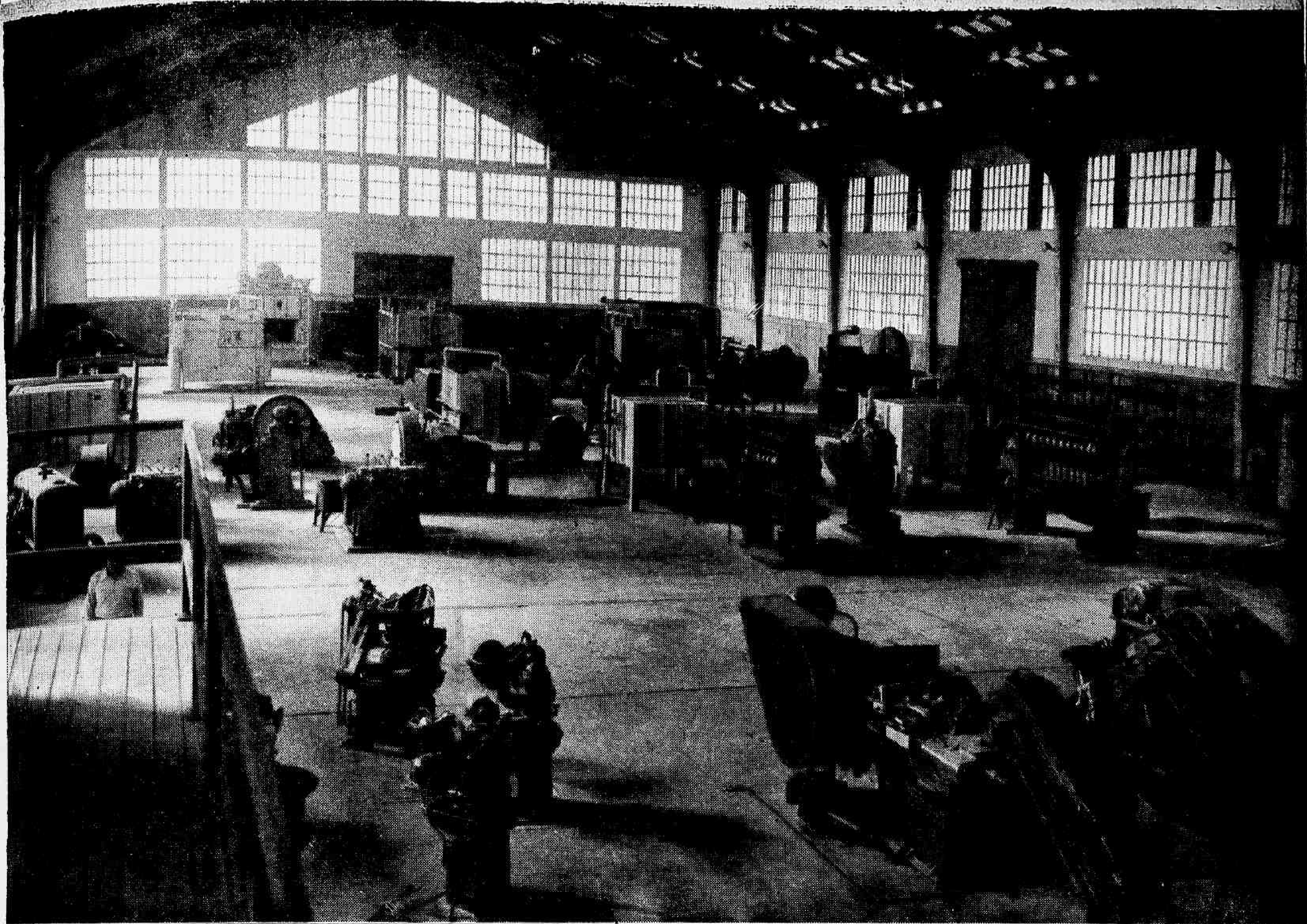
Além dos melhoramentos acima, foram também entregues ao tráfego mais 59 quilômetros de linha, nos ramais de Monte Alegre, onde está instalada a Fábrica de Papel das Indústrias Klabin, e nos de Guarapuava e Rio Negro. Êste último integra-se no grande tronco ferroviário do sul do país — São Paulo-Pôrto Alegre.



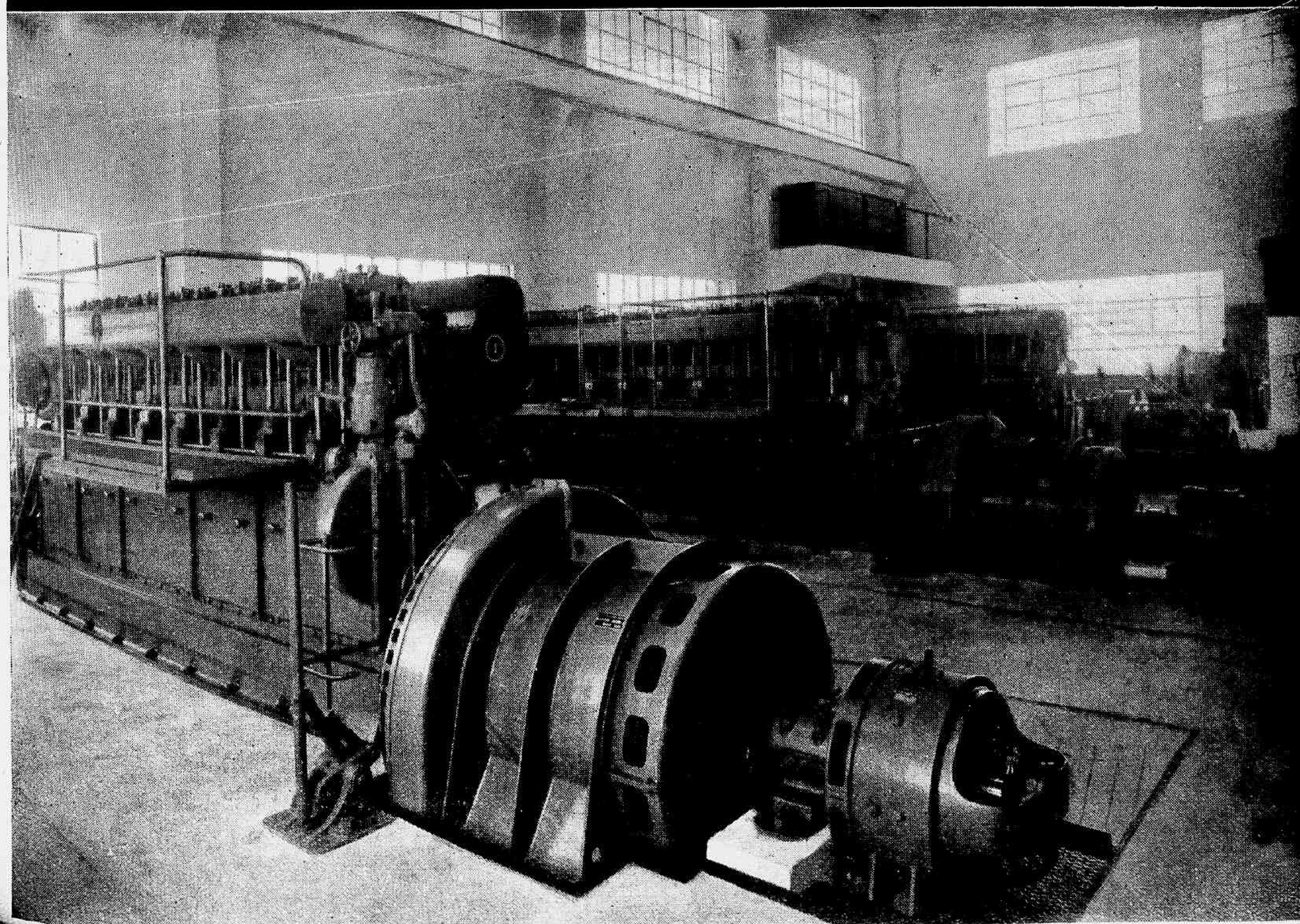
À esquerda: Cena de fundição tomada no interior de uma das novas oficinas da Rêde, que estão aparelhadas com moderno material e equipamento.



À direita: Da composição que inaugurou o trecho eletrificado, o sr. Getúlio Vargas acaricia uma criança, cujo maior desejo era conhecer o Presidente.



Ao alto: — Uma das seções das novas e grandes oficinas da Rêde de Viação Paraná-Santa Catarina, vendo-se o seu moderno equipamento. Em baixo: — Vista interior da usina Diesel-Elétrica, onde se pode apreciar três possantes grupos geradores. De enorme significado para o desenvolvimento sempre crescente do Estado do Paraná são êsses importantes melhoramentos introduzidos naquela ferrovia.



Dúvidas nas quantidades das mamaduras

DR. SABOIA RIBEIRO

É um problema muito corriqueiro entre as mães que estão amamentando — saber se a criança está mamando o suficiente ou não para as suas necessidades. Sôbre as quantidades de leite de peito que a criança deve ingerir, pode-se em cada caso estabelecer cifras pessoais, partindo-se dos seguintes números:

Idade da criança	Quantidades diárias
1º trimestre	150 gramas por quilo de pêso
2º »	140 » » » » »
3º »	130 » » » » »
4º »	120 » » » » »

(ou 15, 14, 13 e 12 gramas por 100 gramas de pêso da criança)

Exemplificando:

Uma criança está no 4º mês e pesa 5.500 gramas.
Segundo a tabela acima, deverá mamar:
5 x 140 e mais 70 gramas ou

$$\frac{14 \text{ gramas} \times 5.500}{100} = 770 \text{ gramas (quantidade de um dia)}.$$

Se a criança estivesse no terceiro trimestre, isto é, entre o sétimo e o nono mês, a fórmula seria:

$$\frac{13 \times \text{Pêso}}{100} = \text{quantidade de um dia}.$$

E assim por diante.

Como desconfiar que a criança está mamando insuficientemente? Em primeiro lugar, em face de seu pêso parado. Além de sua inquietação e chôro, entre os intervalos das mamaduras, pode-se observar uma certa retração da moleira e enrugamento progressivo da pele da face interna das coxas. A criança que não mama o suficiente é uma criança subnutrida.

Devemos apreciar-lhe o pêso em relação à sua idade, partindo do pêso ao nascimento, isto é, o «pêso normal» acrescido do aumento também normal.

Êste aumento é o seguinte: Primeiro e segundo meses, 30 gramas por dia; terceiro e quarto meses, 25 gramas; quinto e sexto meses, 20; até fazer 1 ano, 15 gramas. Vários são os processos de calcular o pêso que a criança deve ter. Um bom sistema, fácil de reter, é acrescentar ao pêso do nascimento, o resultado da multiplicação do «número do mês da idade» por 600, até o sexto mês, e acima por 500.

Preferimos, entretanto, somar ao pêso inicial as cifras do aumento normal.

Dando alguns exemplos:

1º — Uma criança está sendo criada ao seio e está no quarto e meio mês (portanto 105 dias). Esta criança nasceu com 3.200 gramas.

Segundo o exposto, tal criança durante os dois primeiros meses deveria ter aumentado 60x30, seja 1 800 gramas. Isso junto ao pêso do nascimento — 3 200 — dá o seu pêso normal: 5 000 gramas.

Admita-se, entretanto, que está com 4 000 gramas.

Ora, segundo o exposto, ela deve mamar nas 24 horas:

$$\frac{14 \text{ gramas} \times 4\,000}{100} = 560 \text{ gramas}.$$

Isto apura-se pesando-se a criança antes e depois das mamaduras, somando-se os resultados. Se êstes se acham abaixo de tal cifra, então não há dúvida de que a criança está passando fome.

2º — Uma criança está sendo criada ao seio, no quinto mês e meio, e nasceu com 3 200 gramas. Pesa 7 000 gramas.

Conforme o exposto, esta criança deve pesar 3.200 gramas (pêso do nascimento), mais 30x60 (Primeiro e segundo meses), mais 25x60 (terceiro e quarto meses), mais 20x15; logo — 6 800 gramas.

Tal criança está, pois, bem nutrida, constatando-se, mesmo, um pequeno excesso do pêso. Conclui-se que o leite é suficiente, e até com excesso. Quando a criança está sendo amamentada ao seio é, como se vê, pela balança, e estabelecidas prèviamente as cifras que ela deve mamar, que se deve aferir da suficiência ou não do leite, em caso de dúvida.

De modo geral, pode-se dizer que a criança mamou o suficiente sempre que ela espera de uma para outra mamadura, sem dar sinais de fome. Mas, para isto é necessário que ela obedeça a horário determinado, o que deve ser sempre fixado desde os primeiros dias.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

HORMON BÉL-



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

RESPOSTAS AO TESTE

1—Por ter inventado a mistura para fazer fósforos
2—Latim
3—Pólvora comum
4—Luis XVI
5—32 horas e meia
6—Acróbata (proparoxítona)
7—O mosteiro budista de Hane (Tibet, 5.100 metros)
8—Religião de Maomé
9—Um Atlas Universal (Museu britânico, Londres)
10—A galinha comum (21 dias)
11—1840 (17 de janeiro pelo abade Combés)
12—Babilônia
13—Dos Latoeiros
14—O de D. Pedro I (30-3-1862)
15—18-2-1855 ("Sumidades Carnavalescas").

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica, da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

A PENITENCIÁRIA...

(Cont. da pág. 17)

O banco ruia. Era abril de 1949. Escobar tinha sido prêso. As provas contra êle se avolumavam e era acusado de haver desviado os fundos do banco, de ter fraudado a escrituração, de ter sido o causador do suicídio do eminente homem público, sr. Abelardo Vergueiro César, fato que Escobar contesta veementemente. "Não fui seu causador direto nem indireto".

"Tenho defesa para tudo explica êle. — Meu advogado, o sr. Cirilo Lehmann, está tratando da anulação do processo pelo Supremo Tribunal. Não houve desvio e nem fraude. Meus balanços eram visados por auditores públicos de renome e, entre êles, o sr. José Sacaciotta, atual secretário das Finanças da Prefeitura de S. Paulo. Não sossegarei, enquanto não provar minha inocência. Os anos perdidos? Bem, êsse já é outro assunto. No entanto, aproveitei-os da melhor forma possível."

★

E' verdade. Escobar é um homem de cultura. Vivo, inteligente, prende o espectador. Simpático, quase elegante dentro dos trajes de presidiário, não se queixa da sorte e chega a asseverar que a Justiça está certa. "Fui condenado e sou inocente. Porém, a Justiça acertou. Minha defesa não compareceu com as provas... Se eu fôsse o Juiz, teria condenado Escobar..."

Na prisão, Escobar isolou-se de todos, menos de sua espôsa. Não recebia repórteres nem amigos. Queria pensar e pensou muito.

Nesses quatro anos, além do ensaio que lhe proporcionou o prêmio Nicolau Carlos Magno, êle escreveu 14 peças teatrais, das quais 4 infantis e, nesta especialidade, está escrevendo uma série a que denomina "Histórias do Mundo".

Na literatura, Escobar é realista e aborda sempre os temas de grande interêsse social. Na literatura infantil, quer mostrar às crianças a vida sem as varas mágicas para resolver os problemas, mas sim êstes resolvidos pelo trabalho, pela honestidade.

Antes, Escobar nunca pensava em escrever. Gostava de artistas e escritores e os auxiliava, quando possível, e hoje, admirado de si mesmo, diz: "Foi preciso eu ser prêso para me realizar. Só agora sei o que realmente quero e possa fazer com prazer."

Dentro dos altos e famosos muros da Casa de Detenção êle leu mais de 200 livros. Lê e escreve com avidez e quando não está ocupado com isso, leciona na escola do presídio. Educado, camarada, é benquisto, tanto pelos companheiros, como pelos guardas e diretor da Casa.

O prêmio, para êle, foi uma das mais agradáveis surprêsas que já teve na vida. "Escrevi o ensaio sem pretensão e estou feliz com o resultado de minha primeira experiência."

Escobar acredita tanto na anulação de sua pena, quanto um monge crê em Deus. Quando fala em liberdade seus olhos brilham mais, por detrás dos óculos sem aro. "Creio na liberdade. Creio tanto no lado bom da vida que nunca mais vi meu filho desque que aqui entrei. Êle está com treze anos agora e nós só conversamos por correspondência. Não quero que êle conheça esta facêta da existência. E' melhor..."

Dos amigos de Escobar restam-lhe três e êle, quando banqueiro influente, os tinha às centenas. Comentando o fato sorri: "Eu já esperava. Amigo banqueiro é bom, presidiário é ruim, pois macula a personalidade alheia..."

Escobar conta outras coisas de sua vida na prisão; a experiência que ganhou privando com os demais mil detentos. Continua a falar, a sorrir e a fumar, como se estivesse a espera da hora do coquetel. Quando o relógio nivelou os ponteiros às seis horas despedimo-nos. O pesado portão fechou-se com estrondo. Do lado de fora, o soldado com um fuzil embalado sorriu. Na avenida a liberdade fremia de satisfação. Lá dentro, mil homens começavam a ser enjaulados. E foi quando pensamos na culpa ou inocência de Escobar. Culpado ou inocente? Tão calmo, tão fino, tão agradável, que nos mantera presos aos fatos para ver o resultado do pedido de anulação de sua pena. E, até lá, nada nos resta, senão dizer: que a verdade esteja ao teu lado velho, e boa sorte, muito boa sorte mesmo.

QUEM DISSE ISTO!

RESPOSTAS

1 — François Coppée, quando em 1884 era eleito para a Academia Francesa.
2 — Rabelais, à hora da morte.
3 — Lao-tse.
4 — Voltaire.
5 — Campos Sales respondendo a uma delegação de comerciantes do Rio, que protestava contra a criação do impôsto de consumo.

HOLLYWOOD NO SAMBA

(Cont. da pág. 3)

do carnaval no exterior ter sido feita muito em cima da hora, não dando o tempo necessário para que os viajantes planejassem suficientemente.

Ainda devemos ter presente que a vida no Rio tem sido difícil, cara e com gêneros de primeira necessidade muito vasqueiros. A saúde que durante o carnaval é posta à prova não quer ser submetida a um teste capaz de nos levar de borzeguins ao leito. Mas os artistas norte-americanos vivem em outras condições. Cesar Romero, que nos visita pela terceira vez, sabe bem como é o carnaval carioca, conhece o povo e tem aqui muitos amigos. Questão de dólares não é sua preocupação. Calor é coisa que se vence com ar refrigerado. Daí que antes de andar pelo asfalto carioca foi se instalando na amena e fresca serra de Petrópolis, onde a cidade é florida e a vida sorri e canta. Além de Cesar Romero, vieram ainda Mary Windsor e Arleen Wheelen e, também, o robusto Broderick Crawford, recentemente premiado pela Academia (detentor do "Oscar"), além de dois diretores da cidade do cinema. Com êste grupo fêz-se representar Hollywood, no samba. Dando-se o abraço muito do gôsto de Cesar com Moñno.

O GRANDE FANTOMAS

(Cont. da pág. 14)

profundo suspiro e chegou-se mais a mim, como em busca de proteção. Eu tomei a sua cabeça entre as minhas rudes mãos calosas e suguei-lhe os lábios, demoradamente... Ela murmurou algo ininteligível, semelhante a um "não", e entregou-se com um suspiro profundo como o mar.

Já era manhã quando um barulho desusado despertou-me. Levantei-me de um salto e corri para fora. Jackie, o trapezista de vôo-cego, passou correndo. Detive-o pelo braço:

— Que aconteceu, Jackie?

— Fantomas enlouqueceu e prendeu fogo à barraca. Se não andarmos depressa tudo isto vai virar cinza.

Voltei para dentro a fim de terminar de me vestir. Sidália dormia profundamente no fundo do côcho. Senti asco de mim mesmo e, vestindo-me às pressas, saí sem despertá-la. As labaredas lambiam o pavilhão vizinho à barraca de Fantomas que era, agora, um montão de cinzas. Diante do fogo, compreendi o que fizera, o horror da minha noite. Enquanto o velho Fantomas enlouquecia, sòzinho, abandonado, eu...

O gordo Ranovich agarrou-me pelo braço, irritado, gritando-me:

— Vamos, seu imbecil. Que faz aí que não ajuda a apagar êste inferno?

Dei-lhe um sôco no estômago e saí como um doido na direção oposta ao incêndio. Os artistas e empregados passavam correndo, transportando baldes com água. A sereia de um carro de bombeiros fêz-se ouvir, lá adiante. E eu corria, corria como um louco, sem poder coordenar minhas idéias, sem saber para onde ia, sòmente tendo diante de mim os olhos injetados de Fantomas, o Grande Fantomas, quando voltara à barraca depois de ter sido vaiado.

Não sei porque fui recordar tudo isto, nesta tarde quente de dezembro, no pôrto em festa com a chegada do navio inglês. Os fotógrafos... Aquêle mais velho que passou sobraçando sua máquina, resfolegante, deve ter conhecido Fantomas, o Grande, Fantomas, em sua época áurea. E que parte da trama ligaria o destino do ventríloquo à mulherzinha de cabelos louros?... Nunca o soube. Jamais encontrei Sidália e a vida de circo ficou para trás, agora muito longe do marinheiro Martim Ramos.

"PAPÉIS TROCADOS"

(Cont. da pág. 11)

Mas depois a situação se normalizara, vieram dias de fartura, arranjara bom emprêgo e seu orgulho de homem de bem subiu à tona, e a inquietação surgiu. E a palavra «polícia» era tudo de mais pressagioso em sua vida. Evitava ir à cidade, com o eterno receio de algum dia ser reconhecido pelo ricaço, e que o prendessem.

★

O mundo dá suas voltas... Um dia, Marcolino tomou parte numa briga na venda da estrada e foi intimado a ir à Delegacia para prestar declarações. O dia todo, enquanto esperava a hora da audiência, recordava seu antigo pecado, tomado de inquietação, com suores frios brotando-lhe na testa. Mas confiado no longo tempo que se passara, tranqüilizou-se. Que bobagem! Quem sabia do caso? Era cousa passada. Podia ser capaz até que a vítima de seu deslise nem tivesse dado parte.

(Cont. no próximo número)



Frances Sider combinou, neste modêlo de maiô com sainha, o tecido quadriculado com cadarço de côr lisa, um feitio muito jovem e gracioso, que certamente lhe agradará.

Shorte e blusa em tecido esponja, azul claro. Saida de praia também em esponja, forrado de algodão listrado. Modêlo de Korday. Calções bem justos nas pernas.

NOVOS MODELOS



Uma saia em fustão negro com flores estampadas em azul claro, branco e verde, formará um conjunto gracioso com blusa de fustão, negro, igual à saia.



Gracioso modêlo em percal rosa. A blusa é tôda trabalhada em preguinhas e aplicação de bordado inglês embutido. O mesmo enfeite se repete nos punhos.

novos modelos



Saia e blusa em grande estilo para o verão. O tecido branco de "pois' vermelho, e a blusa de frente única, tôda em vermelho, são de muito bom gôsto.



Modêlo de André Ledoux, em linho rosa e marinho. A saia, tôda em gomos, é original. O corpete, com alças, muito elegante. Enfeite de botões de rosa.

→

Modêlo juvenil, em algodão branco com aplicações em marinho na saia, em tôrno do decote e na estola triangular. Notar o curioso e sugestivo feitio da saia.



novos modelos



Um maiô que é ao mesmo tempo um shorte gracioso. Confeccionado em tecido de algodão estampado. As alças podem ser usadas em tôrno do pescoço ou descidas, contornando o busto. Apresentado por Brilliant, no último desfile de maiôs da Califórnia.

Voltam os maiôs de algodão. Êste, em côres vivas, foi apresentado por Jantzem, no último desfile realizado na Califórnia.



Na fotografia que acima publicamos vemos o momento preciso da transmissão do mando: — Mary Gonçalves com seu «donaire» coloca na cabeça da nova «Rainha do Rádio» a coroa. Em baixo: — Emilinha Borba e sua genitora.



EMILINHA
a rainha do rádio de 53

Fotos de **ALBERTO FERREIRA**

MARY GONÇALVES FÊZ A COROAÇÃO PESSOALMENTE ★ GRANDE ANIMAÇÃO NO JOÃO CAETANO ★ PREDOMINOU A ROUPA ESCASSA ★ ALGUMAS BRIGAS, COMO DE COSTUME ★ AS PRINCESAS, TÔDAS LINDAS, COMPLETARAM A CÔRTE

EMILINHA — a Rainha do Rádio de 1953



Marly Sorel, mais loura e mais linda, Ângela Maria, Rogéria, Princesas.



Mary Gonçalves acompanha Emilinha para a cerimônia da coroação.

A epidemia de Rainhas é mais uma prova de nossa democracia. Há Rainha de tudo e para todos os gostos: da Primavera, disto e daquilo. Mas desde que ela seja bonita, simpática, atraente, o título assenta. Porque a Rainha quando tem a votação democrática de alguns milhares de votos bem tem onde reinar. Agora foi a vez da Rainha do Rádio e a consagração popular recaiu sôbre Emilinha Borba, veterana da Rádio Nacional. Ela tem fãs por todos os bairros da cidade. Durante o ano fêz vários programas em que aparecia pessoalmente para cantar e distribuir brindes, e atendendo os pedidos de músicas populares. Sua campanha eleitoral foi, pois, das mais eficientes.

No João Caetano houve um dos bailes mais animados do período pré-carnavalesco. Foi o Baile do Rádio. Ali, no meio de grande multidão, Emilinha foi coroada Rainha do Rádio de 1953, recebendo o título das mãos de sua antecessora, a simpática Mary Gonçalves, que tem o sorriso mais encantador e o rosta mais agradável de quantos há por êste mundo das ondas sonoras. Nesta reportagem, fixamos alguns flagrantes do baile aludido, onde a animação foi grande, confirmando a tradição de ser êsse um dos melhores bailes carnavalescos da cidade.



Dora Lopes e Dalva de Oliveira estiveram animando o baile da Rainha.



Dircinha, que tem voz e tem bossa, não perde a chance de fazer o diabo.





Miriam Moema, um lindo palminho de rosto, se fantasiou de Arlequim-bikini. Esta «Baiana» foi um dos pontos mais altos e das coisas mais sérias do baile. Lá fora na fila a coisa era assim: — pernas de fora em quantidade e apêrto.







Já coroada e com a faixa simbólica aí está Maria do Céu, sorridente entre amigos e fãs sorrindo seu belo sorriso. À direita, Celeste Aída, Princesa.



Duas gregas, loura e morena, querem é dançar. A outra subiu à mesa.



Dizem que essa coisa perigosa e sôlta que está aí é um gato. Será?

E' do «céu»

A RAINHA das ATRIZES

O vestido da Rainha, por sua forma, riqueza e singularidade, merece a atenção das leitoras

DEPOIS de uma votação cerrada em tôrn
de duas candidatas, Maria do Céu, a lind
vedete cujo nome tem a doçura da santa te
rinha, sagrou-se vencedora e foi coroada
Rainha das Atrizes de 1953.

Teve ainda a honra de ser seguida de pert
por Celeste Aída, que conta com inúmeros fã
dada a sua simpatia pessoal e ao seu «savo
faire» nos palcos do gênero revista. O Carnava
reinou francamente no reinado das atrizes, e
João Caetano mais uma vez, pela 21ª vez, viu-s
literalmente cheio e suas paredes tremeram so
o entusiasmo dos foliões que dançaram e pu
laram fazendo tremer os alicerces do grand
teatro da Prefeitura. Na hora da coroação
como sempre, há uma pausa e uma ilumina
ção mais concentrada no local onde a rainh
recebe a sua coroa. Então os cariocas já be
esquentados na folia aproveitaram para da
seus gritos de aproveita e naturalmente co
as conseqüências que os leitores mesmos p
derão calcular. Tanto pior ou tanto melhor, se
gundo os pontos-de-vista da vítima para aquela
senhoras ou senhoritas que usaram o famos
maiô «tomara que caia». A Polícia ainda nã
tem o dom da visibilidade no escuro, o qu
continua sendo um privilégio dos gatos. Algun
estavam ocupados com uma chupeta na bôca



Êste dormiu o ano inteiro de touca. Os clarins de Momo o despertaram.



Essa fantasia gritante é um Rigoletto, mas o maiô não tem alças. Pra quê?



Essa foto é expressiva: a côrte carnavalesca encarnada em duas Rainhas e um Rei. Sílvia Fernanda ladeada de Frederica e o rei do pagode.

COROADA A RAINHA DO CARNAVAL



A Rainha, do alto, sorri para seus inúmeros fãs, enfeitando o salão com sua presença.

Graciosa e tôda sorrisos, Sílvia Fernanda sabe usar a coroa ★ Frederica, Coração de Leoa, também deu as caras ★ O Rei Momo I e Único vítima, como todos, da chuva.

A Associação de Cronistas Carnavalescos com a eleição de Sílvia Fernanda, a simpática modêlo e vedete de «boite», deu uma nota simpática ao carnaval de 53, pois a Rainha eleita tem realmente os predicados físicos para agradar. Sua coroação no Teatro João Caetano foi um momento feliz. Sob o animado estrépito de centenas de pessoas que foram ao teatro, Sílvia cingiu a faixa e recebeu a Coroa que seus dotes e seus juízes muito merecidamente lhe deram como prêmio.

E enquanto a cidade inteira estêve mergulhada numa chuvinha fina e insistente, nos salões a animação foi grande e todos foram fiéis à sua Majestade a Rainha do Carnaval.



Um dos diretores da A. C. C. entr
Sílvia Fernanda a faixa do reinado d



Um abraço real: — Silvia Fernanda e Ivana Rodrigues — sua Princesa — a «entente cordial»

ÚLTIMO FLASH

LUZ DEL FUEGO percebeu que sua ida ao Municipal estava se tornando lugar comum. Podendo entrar ou sendo barrada, o tema, do ponto-de-vista da publicidade, é gasto e inoperante. Então foi preciso engenhar-se para aproveitar o carnaval em seu favor, já que vai se candidatar a vereadora. Arranjou uma «discípula» que fantasiou de «Diacuí», abandonou as fétidas cobras e saiu pela pista de Botafogo disposta a chamar a atenção da polícia nem que para isso fôsse preciso atropelar alguém. Não tardou em alcançar o que pretendia. Foi prêsa e autuada na Delegacia do 3º Distrito pelo Delegado Dr. Zildo Jorge. Ali ficou até que o seu advogado fôsse pagar a fiança e teve ainda que entregar o «bikini» para perícia. Tudo isso com farta publicidade. E gratuita.

(Foto O GLOBO)

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS



projeto da CASA NUNES para
CURITIBA — Estado do Paraná



Tapêtes e passadeiras

de forração em côres lisas e com flores

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade

Grupos estofados

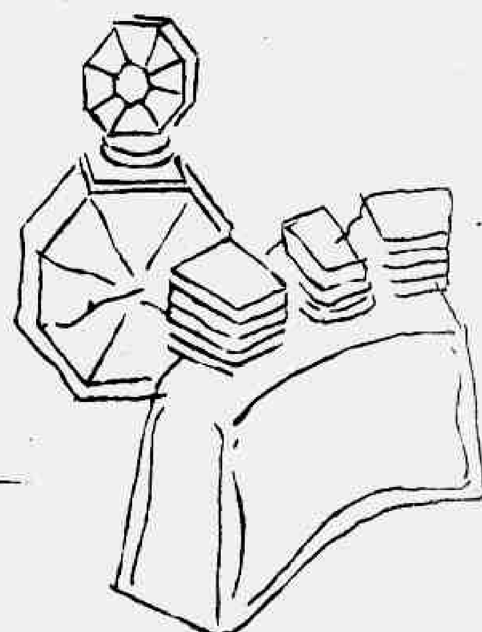
especialidade de nossas oficinas



Uma legítima consagração...

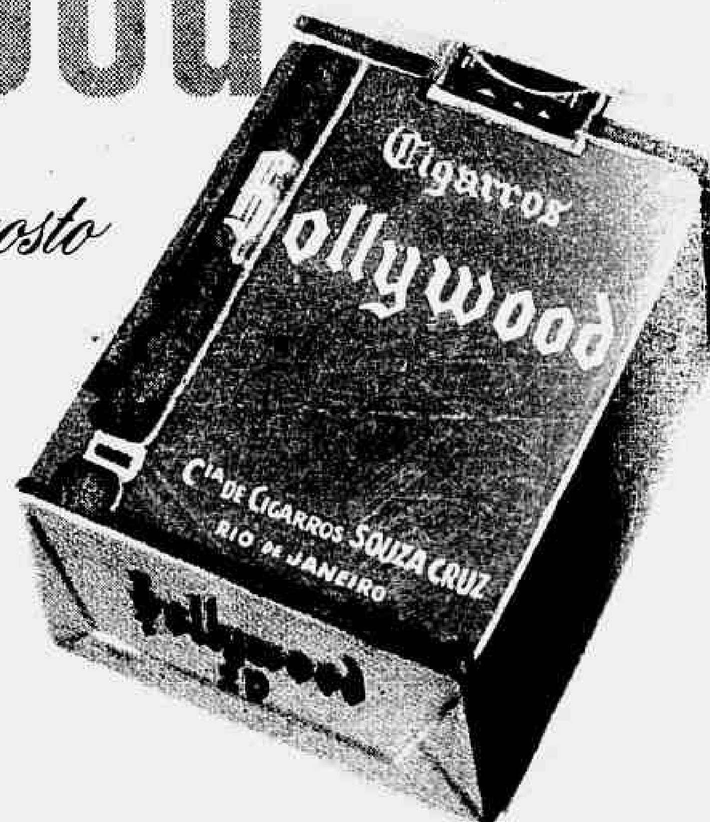


O mesmo apurado bom gôsto de uma elite, que se distinguiu pela elegância ao consagrar os perfumes francêses como os mais finos e raros, deu aos cigarros Hollywood uma insuperável tradição de alta classe.



cigarros **hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ